

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO  
(CBG)

**MARIANA DE OLIVEIRA COUTINHO**

LITERATURA FANTÁSTICA E MEMÓRIA: COMUNIDADES AFETIVAS E  
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA ERA DA CONVERGÊNCIA

Rio de Janeiro

2016

MARIANA DE OLIVEIRA COUTINHO

**LITERATURA FANTÁSTICA E MEMÓRIA: COMUNIDADES AFETIVAS E  
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA ERA DA CONVERGÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Biblioteconomia  
e Gestão de Unidades de Informação da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial à obtenção do título  
de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Robson Santos Costa

Rio de Janeiro

2016

## Ficha Catalográfica

C871I Coutinho, Mariana de Oliveira  
Literatura fantástica e memória: comunidades afetivas e construção de sentidos na era da convergência / Mariana de Oliveira Coutinho - Rio de Janeiro, 2016.

63 f.

Orientador: Prof. Me. Robson Santos Costa.

Monografia (Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

1. Literatura fantástica. 2. Práticas discursivas. 3. Memória. 4. Cultura da convergência. 5. Redes sociais. I. Costa, Robson Santos. II. Título.

CDD 302.23

**MARIANA DE OLIVEIRA COUTINHO**

**LITERATURA FANTÁSTICA E MEMÓRIA: COMUNIDADES AFETIVAS E  
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA ERA DA CONVERGÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Biblioteconomia  
e Gestão de Unidades de Informação da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial à obtenção do título  
de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 04 de Janeiro de 2017.

---

Prof. Me. Robson Santos Costa  
Orientador

---

Prof. Dr. Antonio José Barbosa de Oliveira  
Membro interno

---

Profa. Me. Lucia Maria da Cruz Fidalgo  
Membro interno

Dedico este trabalho para aqueles que mais  
me incentivaram a chegar até aqui.  
Ozenildo, Angélica, Luísa e Renan,  
esse trabalho é pra vocês!

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, Ozenildo e Angélica, que desde pequena me incentivaram a ler e a amar os livros. Mal sabiam eles o monstrinho devorador de livros que iriam criar ao comprar aquele singelo livro da “Abelhinha Apressada”. Obrigada por todo amor e carinho que vocês me deram, todos os passeios, as brigas e por serem o meu porto seguro, minha fonte de inspiração. Sem vocês eu nada seria. Espero que algum dia sintam tanto orgulho de mim quanto eu sinto de vocês.

Para a minha irmã, Ana Luísa, que compartilhou comigo todas as aventuras e desventuras em série. Obrigada pelos momentos de descontração, brincadeiras, jogos e comilança.

Para o meu agora marido (que ainda soa estranho), Renan. Obrigada por todos esses anos de amor, cumplicidade e carinho. Você foi um dos meus primeiros companheiros de leitura, a dividir comigo o amor pela literatura fantástica. Sem você nada disso teria valido à pena. O ano de 2016 será para sempre marcado por muitas conquistas, mas a maior delas sempre será a aventura que você aceitou embarcar comigo. Te amo!

Obrigada também a toda a minha família pelo carinho!

Para todos os meus amigos, que compartilharam momentos de alegria e de tristeza ao meu lado e que fizeram o caminho até aqui ser o mais incrível possível!

Obrigada a todos os amigos que eu fiz ao longo do curso de Biblioteconomia! Em especial Brisa, Danielle, Gabriela, Érica, Jackelyne, Shana e Márcia. Foram longos quatro anos de sofrimento, noites sem dormir direito, fome, mais sono, desespero, seminários e um pouco mais de sono. Mas graças a vocês eu consegui sobreviver e manter a sanidade, hehe. Obrigada pelas risadas, seminários em grupo e conversas aleatórias.

Agradeço também ao meu orientador, Robson, pela amizade e por ter compartilhado do seu conhecimento comigo para a confecção dessa monografia.

Agradeço também à banca examinadora que gentilmente concordou em avaliar o meu trabalho.

Obrigada a todos os professores que tanto se empenharam em me transmitir conhecimento ao longo da minha trajetória, especialmente aos do IFCS e do CBG.

Vocês me tornaram uma pessoa melhor e me mostraram o que é realmente ter amor pela profissão.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os membros do grupo da pesquisa, sem vocês esse trabalho de fato não teria acontecido.

Essa monografia é para você, que como eu, sabe que o leitor vive mil vidas antes de morrer, o homem que nunca lê vive apenas uma.

"Thus is our treaty written; thus is agreement made.  
Thought is the arrow of time; memory never fades.  
What was asked is given. The price is paid."

(Robert Jordan)



## RESUMO

A literatura fantástica se constitui em um gênero literário popular nos dias de hoje, em que a cultura da convergência – processo que envolve a interação e junção de várias mídias em um único ambiente – se instaura como um fenômeno que influencia fortemente tanto os indivíduos quanto as relações comerciais. Em meio a esse processo, as práticas discursivas e a construção de memória são um forte componente da complexa rede que compõem a sociedade. Nesse sentido, as redes sociais constituem uma parte importante do cotidiano das pessoas, se tornando um ambiente para que fãs de um determinado assunto se reúnam e troquem interesses, anseios e desejos em relação a estes. O objetivo deste trabalho é verificar a questão de que o gênero literário fantástico, enquanto prática discursiva é capaz de agregar e produzir relações sociais e construir memória no ambiente virtual em meio a era da convergência. Para embasar essa suposição, foi utilizado no referencial teórico ampla gama de autores que auxiliaram na compreensão dos fenômenos sociais e na definição de conceitos usados para construir e desenvolver a análise da pesquisa. Os procedimentos metodológicos para alcançar esse objetivo consistem na revisão da literatura que auxilia na fundamentação da pesquisa, a observação participante e a formulação e aplicação de questionário em um grupo que aborda o tema de literatura de fantasia no *Facebook*. A análise dos dados mostrou que existem participantes que já fizeram amizade com membros do grupo, sendo que uns inclusive já se encontraram pessoalmente. Também ficou claro que apesar da influência da transmídia, os membros do grupo ainda preferem ter inicialmente acesso ao livro do que a qualquer outra mídia em que um tema se insere e que já possuem autores que utilizam tal fenômeno para expandir suas obras. Conclui-se, portanto, que o gênero literário fantástico é capaz de produzir memória social e de construir relações sociais e que está relacionado aos fenômenos da transmídia, no sentido em que esta necessita de uma legitimação por parte da sociedade para existir, no caso, a paixão dos leitores por obras da literatura fantástica.

**Palavras-chave:** Literatura fantástica. Práticas discursivas. Memória. Cultura da convergência. Redes sociais.

## ABSTRACT

Fantastic literature is a popular literary genre nowadays, in which the convergence culture - a process that involves the interaction and joining of various media in a single environment - establishes itself as a phenomenon that strongly influences both individuals and commercial relations. In the midst of this process, discursive practices and memory building are a strong component of the complex network that make up society. Social networks are an important part of people's daily lives, becoming an environment for fans of a given subject to meet and exchange interests and desires in relation to them. The objective of this work is to verify the question that the fantastic literary genre, as a discursive practice, is able to aggregate and produce social relations and build memory in the virtual environment in the midst of the convergence era. To support this assumption, a wide range of authors was used in the theoretical framework to assist in the understanding of social phenomena and in the definition of concepts used to construct and develop the research analysis. The methodological procedures to reach this objective consist of review of the literature that assists in the foundation of the research, the participant observation and the formulation and application of a questionnaire in a group that approaches the theme of fantasy literature on Facebook. The analysis of the data showed that there are participants who have already made friends with members of the group, some of whom even met them in person. It was also clear that despite the influence of transmedia, members of the group still prefer to initially have access to the book than any other media in which a theme is inserted and that already have authors who use such a phenomenon to expand their works. It is concluded, therefore, that the fantastic literary genre is capable of producing social memory and of building social relations and that it is related to the phenomena of the transmedia, in the sense in which it needs a legitimation by the society to exist, in the case, the passion of readers for works of fantastic literature.

**Keywords:** Fantastic literature. Discursive practices. Memory. Convergence Culture. Social Networks.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Faixa etária dos participantes	36
Gráfico 2	Gênero dos participantes	37
Gráfico 3	Estado em que os participantes residem	37
Gráfico 4	Renda Familiar Mensal dos participantes	38
Gráfico 5	Quais gêneros literários você costuma ler, além da literatura fantástica (Fantasia, Ficção Científica e Terror)?	39
Gráfico 6	Você diria que livros com temática fantástica (terror, ficção científica ou fantasia) são os seus favoritos?	40
Gráfico 7	Quantos livros de literatura fantástica você costuma ler ao ano?	41
Gráfico 8	Com que frequência você acessa?	42
Gráfico 9	Quais mídias baseadas em livros de literatura fantástica você acompanha?	43
Figura 1	A primeira edição completa de “O Senhor dos Anéis”	46
Figura 2	Pôster do primeiro filme de “O Senhor dos Anéis”	47
Figura 3	Primeira edição de “Harry Potter e a Pedra Filosofal”	48
Figura 4	Primeira edição de “A Guerra dos Tronos”	49
Figura 5	Universo da Cosmere organizada por um fã	50

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1	JUSTIFICATIVA.....	14
1.2	OBJETIVOS.....	15
<b>1.2.1</b>	<b>Objetivo geral.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.2</b>	<b>Objetivos específicos.....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>17</b>
2.1	CONCEITOS SOBRE A LITERATURA FANTÁSTICA.....	18
2.2	A LITERATURA FANTÁSTICA COMO PRÁTICA DISCURSIVA: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.....	22
2.3	MEMÓRIA E COMUNIDADES AFETIVAS: A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES SOCIAIS.....	26
2.4	A POPULARIZAÇÃO DA LITERATURA FANTÁSTICA EM MEIO A CULTURA DA CONVERGÊNCIA.....	29
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>32</b>
3.1	CAMPO DA PESQUISA.....	32
3.2	TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	32
3.3	POPULAÇÃO/AMOSTRA.....	33
<b>4</b>	<b>A FANTÁSTICA FÁBRICA DE MEMÓRIAS: REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA FANTÁSTICA EM MEIO A ERA DA CONVERGÊNCIA..</b>	<b>35</b>
4.1	ANÁLISE DOS DADOS: O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO.....	35
4.2	ANÁLISE DOS DADOS: LITERATURA, MEMÓRIA E ERA DA CONVERGÊNCIA.....	39
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias é, provavelmente, uma das ações mais antigas do ser humano. Desde tempos imemoriais o homem busca compreender o que lhe é desconhecido, tendo nos mitos, contos e histórias uma forma de explicar fenômenos que lhe são estranhos. Algumas dessas narrativas ficam inscritas na memória e no imaginário popular, sendo reproduzidas incessantemente, como é o caso de mitos e lendas<sup>1</sup>. Essa forte busca do ser humano em explicar o que para ele ainda se enquadra como inexplicável não teria, portanto, como não se refletir na literatura, visto que é uma parte intrínseca da formação de culturas e sociedades (SILVA; LOURENÇO, 2010). Jeha (2001) explica que a literatura funciona como um sistema modelador, já que retrata mundos possíveis (ou impossíveis), tendo como base o ambiente físico maior no qual ela existe.

De acordo com Volobuef (2000), o que conhecemos atualmente como narrativa fantástica remonta às *gothic novels* do século XVIII e perpassou por diversas transformações. Segundo Todorov (2014, p. 7), a literatura fantástica seria uma variação da literatura, sendo melhor definida como um “gênero literário”. O importante ao se definir o que é o gênero literário fantástico é compreender que

[...] a narrativa fantástica efetua uma reavaliação dos pressupostos da realidade, questionando sua natureza precípua e colocando em dúvida nossa capacidade de efetivamente captá-la através da percepção dos sentidos. Com isso, o fantástico faz emergir a incerteza e o desconforto diante daquilo que era tido como familiar. (VOLOBUEF, 2000, p. 110).

A leitura de uma obra, seja ela do gênero fantástico ou não, é capaz de criar uma reação de êxtase no leitor a partir do momento em que vai ao encontro de seus anseios, estabelecendo uma sensação de satisfação (DUMONT, 1998). Tal empatia em relação a obras literárias levou indivíduos a buscarem pessoas com semelhantes interesses, sobretudo no ambiente virtual. Nesse sentido, a modernidade

---

<sup>1</sup> A lenda é uma narrativa popular, sempre inspirada em fatos históricos, cujo herói reflete os anseios de um grupo ou de um povo. Seriam contos ou histórias de origem popular transmitidos pela tradição, em que de forma alegórica ou simbólica, surgem forças da natureza, fatos históricos, aspectos da condição humana. Já o Mito, seria uma espécie de lenda em que aparecem personagens divinizados e se referem tanto a personagens sobrenaturais como a objetos extraordinários e regiões fantásticas, que existem na mentalidade de uma sociedade, na forma de representações coletivas. (FERNANDES, 2014, p. 12).

proporcionou novos fenômenos sociais em que a *internet* e as redes sociais são os principais agentes de transformação.

O processo de globalização resultou em uma interação maior entre culturas e sociedades, visto que

As tendências globalizantes da modernidade são simultaneamente extensionais e intencionais – elas vinculam os indivíduos a sistemas de grande escala como parte da dialética complexa de mudança nos pólos local e global. Muitos dos fenômenos frequentemente rotulados como pós-modernos na verdade dizem respeito à experiência de viver num mundo em que a presença e ausência se combinam de maneiras historicamente novas (GIDDENS, 1991, p.175-176).

De fato, o mundo contemporâneo gerou novos meios de interação, em especial no que se refere à tecnologia e aos meios de comunicação – sendo as redes sociais o destaque desse fenômeno. Loiola e Moura (1997) ressaltam que redes são estruturas informais que articulam indivíduos, que passam a interagir de acordo com áreas de interesse, e a partir dela também podem desenvolver relações afetivas. Castells (1999) foi um dos autores que se empenharam em analisar a ideia da Sociedade em Rede, mostrando que é uma sociedade que transcende o tempo e espaço, ao alinhar o seu paradigma com a sociabilidade através da dimensão virtual proporcionada pelas novas tecnologias. Nesse panorama, Lévy (1999) também desenvolve uma ideia sobre a temática, propondo o conceito de “cibercultura”, que seria “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17). É nesse espaço em que os amantes da literatura fantástica irão se integrar, formar identidades e promover ressignificações do seu mundo. Tal processo possui alguns fatores que são parte intrínseca de sua composição: a construção de memória e a prática do discurso.

Sobre a questão da memória, Halbwachs (2004) irá propor que a memória é coletiva, pois é uma construção social feita pela coletividade de um grupo ou comunidade. Esses grupos também constroem uma memória afetiva, que são lembranças que remetem a sentimentos e experiências compartilhadas pelo grupo. O ciberespaço – termo proposto por Lévy (2009) – permite que os indivíduos tragam à tona a questão da construção de memória, tanto a memória coletiva quanto a memória afetiva, no sentido de que há uma formação de grupos em redes sociais

que compartilham um mesmo interesse e que estão em constante processo de construção de identidade e de significados.

Tal processo perpassa pelas práticas discursivas, que conforme Spink e Medrado (2004, p. 45) são “[...] maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas”. Em relação às práticas discursivas, Bakhtin (1997) trabalha a ideia da linguagem como construtora de discurso no contexto social. Para o autor, a enunciação pode ser compreendida como um produto das relações sociais, sendo que um enunciado sempre fará parte de um gênero discursivo específico. Lins (2007, p. 3) explica que gêneros discursivos são “padrões comunicativos, que, socialmente utilizados, funcionam com uma espécie de modelos comunicativos globais” que representam um conhecimento social situado em situação concreta. Além disso, em todas as esferas da atividade humana, a utilização da língua realiza-se em formas de enunciado (orais e escritos), concretos e únicos (LINS, 2007). Para as práticas discursivas, a análise do discurso constitui uma importante contribuição para a sua compreensão. A partir de Orlandi (2005) infere-se que a análise do discurso busca compreender a prática da linguagem, da língua em movimento, construindo simbolismos no contexto social. O discurso seria, portanto, através da linguagem, a forma que o ser humano utiliza para mediar o social e a sua realidade.

A relação entre a memória e as práticas discursivas está no fato de que

Como construção discursiva entendida socialmente, o gênero discursivo pode ser compreendido como um dos meios de preservação da memória social de uma dada época, visto que será o que poderíamos chamar de um “produto social” do período de sua produção que refrata - e é refratado pelo - contexto sócio-histórico de sua elaboração. Compreendido assim, os gêneros discursivos são elementos construtores de memória social, porque ao mesmo tempo que refletem, ajudam a construir uma época. (COSTA, 2007, p. 70)

É, portanto, comum tanto à memória, quanto às práticas discursivas a intrínseca relação com a produção de sentidos e a sua participação na construção do social. Tais fenômenos, associados com a ascensão das redes sociais, nos permite compreender que a junção desses elementos resulta em produtos na vida social, como por exemplo, os grupos no *Facebook*<sup>2</sup>. Os indivíduos que participam de

---

<sup>2</sup> O Facebook pode ser compreendido como uma mídia social, por meio da qual é possível constituir redes sociais. (SCHLEMMER, 2014).

grupos que abordam temáticas literárias costumam compartilhar as suas percepções e sensações em relação à uma obra, o que remete aos antigos clubes de leitura. Os grupos de *Facebook* que possuem temáticas literárias, apesar de similar aos clubes de leitura, possuem dinâmicas diferentes devido à sua natureza virtual, ou seja, a um contexto de produção específico. Além disso, grupos que compartilham o interesse pela literatura fantástica são especialmente singulares, no sentido que estão inseridos no que Jenkins (2008) afirma ser uma “cultura da convergência”, termo cunhado pelo autor para se referir à interação que agrupa diversos setores midiáticos em um único ambiente. A relação entre diversas mídias, que interagem e contribuem de maneira distinta para complementar uma narrativa ou história, é denominada pelo autor de transmídia. Tal transmídia cada vez mais alcança novos adeptos e se expande em um ritmo acelerado.

Tendo em vista o que foi abordado anteriormente, este trabalho parte da seguinte questão: seria o gênero literário fantástico, enquanto prática discursiva, passível de construir memória social e funcionar como um elemento agregador de relações sociais em comunidades no ambiente virtual? Caso seja, qual o panorama que esse fenômeno produz na era da convergência?

A partir da questão acima este trabalho será dividido em três etapas. A primeira será propor uma fundamentação teórica a partir da revisão da literatura de forma a poder embasar os conceitos e ideias que serão desenvolvidas ao longo do trabalho. Em seguida, será feita a coleta de dados em um grupo de fãs de literatura fantástica – mais especificamente de fantasia e ficção científica – na rede social *Facebook*, para por fim analisar os mesmos tendo por base o referencial teórico previamente elaborado.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Na atual conjuntura, em que a internet se porta como fonte inesgotável de lazer, divertimento e, sobretudo, de construção de memória, identidade e formação de relações sociais, o gosto pela literatura fantástica se mostra como uma das preferências de crianças, jovens e adultos<sup>3</sup>. Tal predileção não se restringe somente à leitura, ultrapassando barreiras e abrangendo áreas como cinema, música,

---

<sup>3</sup> Livros 'fantásticos' são fenômenos de vendas no Brasil, Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/60006-livros-fantasticos-sao-fenomenos-de-vendas-no-brasil.shtml>.



videogame, quadrinhos, etc. O furor em torno de recursos midiáticos que tenham como base a literatura fantástica proporcionou a criação de grupos em redes sociais, *fandoms*<sup>4</sup>, eventos, entre outras manifestações sociais. Isso também pode ser percebido no aumento em cartórios do número de crianças que são registradas com o nome de importantes personagens da literatura fantástica. Nos Estados Unidos, por exemplo, nomes como Daenerys e Khaleesi - personagem dos livros e da série “Guerra dos Tronos” - e Anakin, Leia e Luke - personagens dos filmes “Star Wars” - alcançaram altos índices de popularidade, talvez não sendo maior por conta das diferenças de grafia e de nomes compostos<sup>5</sup>. Tal fenômeno está intrinsecamente relacionado à cultura da convergência e às práticas discursivas adotadas pela mídia e a sociedade. A partir disso, como compreender de que forma essa construção de memória e identificação se dá, a ponto de ser parte intrínseca na vida de um indivíduo?

O bibliotecário, como profissional da informação, precisa estar pronto para se adequar aos novos paradigmas da sociedade e saber lidar com os desafios que as tecnologias e as redes possam lhe impor. Também é essencial que ele saiba que tais transformações estão envoltas por fenômenos sociais que atuam diretamente sob a forma com que a informação será apresentada. Nesse sentido, é de extrema importância compreender os fenômenos sociais e a forma que eles adquirem no cotidiano, pois é a partir deles que o bibliotecário irá desempenhar o seu papel diversificado e exercer funções de relação, mediação e contato com o usuário (CUNHA, 2003).

A importância deste trabalho se insere, portanto, na necessidade de entender o processo de construção de memória, de formação de identidade e de vínculos no ambiente do ciberespaço, em especial, entre os admiradores do gênero literário de fantasia e ficção científica, visto que são fenômenos atuais de nossa sociedade. Além disso, é relevante compreender o quanto dessas relações são influenciadas por recursos midiáticos, tão presentes na era da convergência. A necessidade de se compreender fenômenos sociais enfatiza, portanto, a interdisciplinaridade que

---

<sup>4</sup> “Pode-se definir o fandom como um sistema digital que engloba diversas manifestações próprias do campo literário, abarcando desde a produção e a recepção de textos até a crítica e a criação de produtos artísticos [...] A reunião dos fãs em torno de uma mesma obra de eleição, e às vezes de culto, é a característica determinante de um fandom. Há, portanto, fandoms específicos para obras específicas.” (MIRANDA, 2009, p. 2-3).

<sup>5</sup> Top U.S. baby names list includes Anakin, Leia and Khaleesi. NY Daily Post. Disponível em: <http://www.nydailynews.com/news/national/top-u-s-baby-names-list-includes-anakin-leia-khaleesi-article-1.2338949>.

permeia a Biblioteconomia e o papel diversificado do bibliotecário como um profissional da informação e da organização do conhecimento.

## 1.2 OBJETIVOS

A seguir serão explicitados os objetivos, geral e específico, que nortearão o desenvolvimento deste trabalho.

### 1.2.1 Objetivo geral

Explicitar como o gênero literário de literatura fantástica, entendido como prática discursiva, funciona como elemento agregador de relações sociais e constrói sentidos e memória, sobretudo em ambientes virtuais.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- Fornecer um embasamento teórico acerca das temáticas centrais do trabalho.
- Explicitar os principais disseminadores do gênero literário fantástico no século XX e avaliar a sua influência midiática.
- Coletar dados e analisá-los a partir da fundamentação teórica realizada.
- Identificar as especificidades que a literatura fantástica traz para a construção de memória social, significações e relações sociais na era da convergência.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura fantástica se instaura como gênero literário propriamente dito por volta do século XIX e ao longo dos anos vem assumindo importante papel na construção da cultura popular. De acordo com Mira (2004), o período pós-Segunda Guerra Mundial se caracterizou pela formação de um mercado de massa, que buscava oferecer produtos homogêneos e que atendessem uma ampla fatia do mercado. Percebendo que tal estratégia não era eficaz, visto que não se levava em conta fatores culturais, de comportamento, crenças, etc., o mercado teria entrado em uma fase de “produtos variados”, ou de segmentação, pensando em aumentar suas vendas oferecendo diferentes produtos para diferentes públicos-alvo. Tal situação também se mostrou ineficaz, resultando no início do uso do *marketing* para conhecer melhor o seu consumidor e adequar os produtos à sua realidade social, econômica e política. Percebeu-se, portanto, que conhecer o consumidor levaria os empresários a oferecer produtos que vem ao encontro com o que o indivíduo deseja ou necessita. Mira (2004) enfatiza que essas necessidades são manipuladas pelo marketing estratégico e que, além disso, os indivíduos desejam o que a sua cultura lhe ensina a desejar, que é resultado de um conjunto de significações, valores, relações de poder, entre outros fatores. O que é importante salientar é que os indivíduos estão mergulhados em uma complexa rede cultural, que é delineada por questões de diferenças de classe, relações de poder entre diferentes culturas, diferenças étnicas, sexuais, religiosas, etc. e que estes irão influenciar suas escolhas e ações.

Os movimentos dos anos 60, liderados por mulheres, negros estudantes ou hippies possui uma característica singular, que é o fato de todos serem jovens. Mira (2004) explica que pela primeira vez na História os jovens se tornam um “agente social”, o grupo mais importante na escala social de valores, e isso acarretará um grande impacto da modernidade sobre a tradição. A autora também destaca que esses jovens dos anos 60 também são a primeira geração com poder de compra nessa faixa etária, uma geração “baby boom”, a primeira a receber “mesada” dos pais. Mira (2004) diz que

[...] é a primeira geração a construir e consumir a cultura pop, uma cultura popular, midiática e internacional – uma cultura do lazer, do prazer e da diversão. Idealismo, rebeldia, hedonismo e consumismo se confundem desde o início dessa cultura jovem, a tal ponto que muitos dos seus símbolos são produtos que circulam no mercado

mundial, como o jeans, a motocicleta, o chiclete, a Coca-Cola. Tudo é difundido através da música [...] mas também através do cinema, da moda, do turismo internacional, do contato entre universidades, enfim, da ampliação sem precedentes da mobilidade que carrega a cultura moderna. (MIRA, 2004, p. 254-255)

Cruz (apud OLIVEIRA, 2006, p. 28) acrescenta que a cultura pop promoveu nos anos 60 uma revolução nas artes e que possuía um caráter textual, intertextual e extratextual ao se utilizar diversos elementos da cultura de massa, como histórias em quadrinhos, livros, revistas, anúncios, cinema, etc. Foi um movimento em que se privilegiava a imagem visual icônica e se desestabilizava a hegemonia da palavra como linguagem única, processo que veio a influenciar fortemente toda produção cultural posterior.

Entender que vivemos em uma época na qual emerge todo um conjunto de desenvolvimentos tecnológicos relacionados aos meios de comunicação eletrônicos, tecnologias digitais e virtuais nos ajuda a compreender as condições necessárias para a emergência de grupos culturais cujos modos de vida são fortemente influenciados por esse mesmo conjunto de tecnologias (BAUMAN, 2001; DELEUZE, 2007; LÉVY, 1996 apud BICCA; et al, 2014). Tendo isso em vista, emergiram comunidades em redes sociais cujos integrantes dividem o interesse por uma temática específica, existindo inclusive os que compartilham o interesse pela literatura fantástica, que é o objeto de estudo deste trabalho. A seguir será feita a revisão da literatura, de forma a explicitar conceitos que irão nortear o trabalho e embasar a discussão acerca da construção de sentido, memória, identidade e relações sociais entre os admiradores da literatura fantástica na cultura da convergência.

## 2.1 CONCEITOS SOBRE A LITERATURA FANTÁSTICA

“To see a World in a Grain of Sand  
And a Heaven in a Wild Flower,  
Hold Infinity in the palm of your hand  
And Eternity in an hour.”  
(William Blake)

A etimologia do termo “fantástico” tem sua origem na palavra latina *phantastīcus* e é derivada do adjetivo grego *phantastikós*, que seria “ilusório”,

“imaginoso”, e que por sua vez é oriundo do substantivo grego “phantasia” que, em suma, significa “imaginação criadora”, “o que é irreal”, “criação do que não existe na natureza” (OLIVEIRA, 2011). Como foi visto anteriormente, a produção de obras de cunho fantástico remonta há tempos, mas só veio a utilizar os moldes que conhecemos atualmente a partir das *gothic novels*. Também conhecida como “Literatura Gótica”, as *gothic novels* surgiram no século XVIII e são compreendidas como uma reação aos mitos iluministas, às narrativas de progresso e de mudança revolucionária por meio da razão. O gótico surge para perturbar a superfície calma do realismo e trazer à tona medos e temores que pairavam sob a sociedade burguesa em ascensão. Seria uma literatura de alguma forma engajada socialmente, mas que tem por característica a presença do horrível, do insano, da noite, do sobrenatural, da morte, do terror. Além disso, seria uma literatura que se mantém sublime dentro do que o pensamento iluminista chamava de sublime, mas que não comunga em absoluto do ideal de beleza presente nesse pensamento (ROSSI, 2008, p. 61). Foi, portanto, a partir dessa literatura que a temática fantástica ganhou força, desdobrando-se em temas dos mais variados.

Na busca pela compreensão do que se consistiria em literatura fantástica no mundo contemporâneo, diversos autores realizaram análises e discussões acerca do tema. Rodrigues (1988) mostra que alguns autores buscaram analisar a literatura fantástica a partir de uma perspectiva geral, em que este seria um elemento que se encontra em toda a história da literatura e que trabalha constantemente a ambivalência entre o real e o irreal, o natural e o sobrenatural, o ordinário e o extraordinário. Porém, é a partir de “Introdução a literatura fantástica”, obra de Todorov (2014), publicada pela primeira vez em 1970, que a narrativa fantástica será analisada pelo ponto de vista dos gêneros literários.

O contexto em que Todorov apresenta a sua proposta de gêneros literários marcou profundamente o seu pensamento. De acordo com Oliveira (2011), Todorov utiliza os pressupostos da crítica estruturalista para construir o “modelo global” da narrativa fantástica. Nesse sentido, para Todorov (2014) a finalidade da análise estrutural da narrativa seria, a partir de uma “desmontagem” da obra, construir um simulacro do objeto, de modo a fazer surgir, a partir dessa nova construção, seu sentido. Para o autor, seu trabalho consiste em descobrir “uma regra que funcione para muitos textos e nos permita aplicar a eles o nome de ‘obras fantásticas’, não pelo que cada um tem de específico” (TODOROV, 2014, p. 5). Apesar disso,

Todorov foi um dos poucos autores que buscaram estabelecer de forma mais sistemática as especificidades desse gênero literário, buscando definir não só a sua estrutura como também determinar os seus gêneros vizinhos, no caso o “maravilhoso” e o “estranho”, a partir dos quais o fantástico se circunscreve. Além disso, Todorov enfatizou o que ele considera ser o modo necessário de leitura do fantástico, um modo literal, nunca alegórico ou poético. O autor explica que o cerne da literatura fantástica está no fato deste tipo de literatura possuir um fenômeno “que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar” (TODOROV, 2014, p. 30): Para ele

O fantástico ocorre nesta incerteza: ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 2014, p. 31)

Todorov (2014) afasta gêneros literários como o estranho e o maravilhoso (que também pode ser entendido como o gênero de fantasia, atualmente) da sua conceituação de literatura fantástica, classificando-os como gêneros vizinhos. Porém, ao trabalhar com “A Metamorfose” de Franz Kafka, Todorov (2014) declara que o que compreendemos como o fantástico está morto, nos fazendo questionar se, sendo tão distinta do fantástico tradicional, a narrativa kafkiana e as posteriores obras contemporâneas podem ser chamadas de fantástica, ou se não seria mais pertinente pensar que o século XX construiu um novo gênero literário, no qual Kafka se enquadraria. Nesse sentido, Oliveira (2011, p. 13) reflete-se em um nível mais geral, podemos nos questionar “sobre a validade teórica de se estabelecer rigidamente uma teoria de gêneros, uma vez que a literatura, em suas constantes mutações, nunca apresenta uma forma homogênea”. Percebe-se, portanto, que a rigidez com que Todorov pretendeu estabelecer as regras para a definição do que é a literatura fantástica não foi capaz de abarcar as mudanças de significações e de estrutura, tão inerentes aos gêneros literários.

Pensando no contexto contemporâneo, Soares (2003) apresenta a proposta de Bakhtin, que almeja encontrar outro fator para a concepção do gênero: a percepção. Além dos traços da linguagem, deve-se levar em conta as expectativas do receptor, bem como a maneira como a obra literária capta a realidade. Segundo ele, são como se “filtros” se colocassem entre as obras e a realidade, selecionando-

a de diferentes formas. Esses “filtros” não só permitem distinguir o literário do não literário, mas também apontariam tratamentos específicos para cada gênero. Essa proposição evitaria uma generalização do que seria ou não historicamente literário. Os gêneros, portanto, apresentariam mudanças que estão em sintonia com o sistema da literatura, a conjuntura social e os valores de cada cultura.

É o que Michel Pêcheux (2012) explicita em sua obra *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento* ao mostrar que o objeto da linguística se vê separado por uma divisão discursiva entre dois âmbitos, um em que existe a manipulação de significações, estabelecidas e normalizadas pelo que o autor chama de “uma higiene pedagógica do pensamento” e o outro em que se percebe a transformação do sentido em algo que contradiz, ou pelo menos não se adequa, às normas pré-estabelecidas, juntando-se à uma miríade infinita de interpretações. Em uma crítica à ideologia estruturalista, que é intrínseca ao pensamento de Todorov, Pêcheux (2012) esclarece que todo enunciado é passível de sofrer alterações, de se deslocar discursivamente entre os mais diversos sentidos e também de derivar, a partir disso, em novas interpretações. E é nesse entremeio de significações, interpretações e sentidos que Pêcheux compreende a análise do discurso e de que maneira ela está associada aos gêneros literários.

Em seu livro *La littérature fantastique: essai sur l'organisation surnaturelle*, Finné (1980 apud CAMARANI, 2014) busca mostrar que não existe uma explicação absoluta para a definição do que seria a literatura fantástica. Para o autor, o próprio leitor escolheria se uma obra entra ou não em seu sistema de referências e, portanto, caberia ao leitor classificar uma narrativa na categoria realista ou fantástica. Um dos exemplos que Camarani (2014) oferece é o de livros psicografados, que para os espíritas é considerado uma obra realista, enquanto que para outras pessoas pode ser compreendido como uma obra fantástica. Camarani (2014) explica que Finné propõe que a definição do que seria o fantástico é resultado de uma “moda” ou um “jogo”, em que o leitor participaria ativamente. Em suma, apesar das tentativas de delimitar o âmbito da literatura fantástica, como foi o caso de Todorov (2014), percebemos que não é possível fazê-lo sem levar em conta o contexto social, visto que são os leitores os principais responsáveis por delinear os limites do que se entende por literatura fantástica. Tendo esta premissa como ponto de partida, este trabalho irá analisar a relação intrínseca da construção do termo

literatura fantástica com o indivíduo, fato que pode ser observado nas práticas discursivas.

## 2.2 A LITERATURA FANTÁSTICA COMO PRÁTICA DISCURSIVA: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

“Deep in the human unconscious is a pervasive need  
for a logical universe that makes sense. But the real  
universe is always one step beyond logic.”  
(Frank Herbert)

O ato e uso da linguagem é comum a todos os seres humanos e possui forte influência na construção de sentidos. Tal função da linguagem vem sendo foco de variados estudos nas últimas décadas e explica a forma com que as palavras e o discurso podem construir ideologias, sociedades e o próprio indivíduo. De acordo com Spink e Medrado (2004, p. 41) criar sentidos é um processo coletivo, que envolve uma construção social ao longo de séculos de relações sociais e culturais, através do qual é construído termos gerados a partir da maneira com que as pessoas compreendem e lidam com situações e fenômenos do cotidiano. Tal construção ocorre devido ao fato de que dar sentido ao mundo consiste em uma força poderosa e que não pode ser evitada na vivência em sociedade.

Para entender a produção de sentidos é primordial compreender que esse processo se dá através da prática social, de um processo dialógico e que implica no uso do que é feito da linguagem. Em suma, isso quer dizer que a produção de sentidos pode ser considerada um fenômeno sociolinguístico, pois é o uso da linguagem que sustenta as práticas sociais geradoras de sentido, sendo o cerne do conceito de práticas discursivas (SPINK; MEDRADO, 2004, p. 42). Ainda segundo os autores, o discurso estaria relacionado às regularidades linguísticas, à institucionalização da linguagem e de sistemas de sinais do tipo linguístico, o que tende a lhe proporcionar uma permanência no tempo. Tal permanência, porém, não garante que o mesmo sofra alterações em cada contexto histórico e é possível, inclusive, que diferentes discursos possam competir entre si. Mas de que forma se dá o processo que permeia a linguagem e a transforma em práticas discursivas? A partir de Bakhtin (apud BRANDÃO, 2004, p. 9) entende-se que a palavra



é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela plurivalência. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes.

O ponto de articulação entre os fenômenos linguísticos e os processos ideológicos seria, portanto, o discurso. Nesse sentido, a linguagem enquanto discurso é interação, um modo de produção social que não é neutra, inocente e nem natural, e por isso se torna no lugar privilegiado para a manifestação da ideologia (BRANDÃO, 2004).

Analisando mais profundamente o pensamento de Bakhtin (1997), percebe-se que a construção dos gêneros discursivos perpassa por três conceitos básicos que o autor denomina de enunciado, polifonia e dialogismo. O enunciado seria um fator essencial para a comunicação entre indivíduos, a unidade da comunicação verbal, visto que é a partir de sequências de enunciado que esta se desenvolve. Além disso, é por meio do enunciado que os indivíduos produzem sentidos que se relacionam entre si para constituir a sua realidade. Costa (2007), ao analisar Bakhtin, diz que o enunciado é a unidade da comunicação verbal porque faz parte de sua constituição promover uma resposta ao enunciado anterior e assim formar uma resposta que terá um novo enunciado e assim em diante. Para Bakhtin (1997), a enunciação seria o produto da interação entre dois indivíduos que convivem em um ambiente social. O enunciado requer que haja um interlocutor, que é o responsável pela projeção da palavra, pois

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prehe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela compreensão responsiva ativa e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente. (BAKHTIN, 1997, p. 290)

Nesse sentido, o enunciado é único sempre em que é proferido e jamais haveria uma repetição. A partir do momento em que é utilizado, o enunciado está em

contato direto com as diferentes e singulares características que cada época, circunstância e interação social promovem nos discursos (COSTA, 2007). Costa (2007, p. 63) ressalta que todo enunciado produzido por um indivíduo, possuirá em sua composição o que Bakhtin compreende como as diversas “vozes” de outros. Segundo Bakhtin (1997), o termo “voz” se refere à consciência falante que se faz presente nos enunciados. Essa consciência não é neutra, está sempre refletindo percepções de mundo, juízos e valores. Tais vozes seriam a ação da memória nesse processo de construção enunciativa. Tal enunciado, ao ser proferido, levaria em conta os vários enunciados anteriores, que conteriam as vozes de outros que os produziram nos mais diversos contextos de interação social, gerando a base para o enunciado que será utilizado (COSTA, 2007).

Em relação à polifonia, Costa (2007) explica que está relacionada às diferentes vozes sociais presentes na formulação de um enunciado. Tendo como base Soerensen (2009), é possível deduzir que a polifonia é o elemento que harmoniza as diversas vozes independentes, produzindo diferentes efeitos de sentidos que repercutem em múltiplas ideologias. Para a Soerensen (2009, p. 3) a polifonia “acontece quando cada personagem se manifesta com a própria voz, expressando o pensamento individual”. Quando essas vozes se mesclam e são apropriadas em um enunciado é que surge a polifonia.

Bakhtin (1997, p. 345) explica que o dialogismo pode ser compreendido como uma das formas composicionais do discurso, já que “a relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal”. Barros (1999, p. 4) complementa ao explicar que outro aspecto do dialogismo que deve ser considerado é o “do diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define [...] ponto de intersecção de muitos diálogos, cruzamento das vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas”. Portanto, é possível compreender que o dialogismo seria o diálogo que ocorre entre as diferentes vozes que compõem um enunciado e os diversos pontos de vista que o compõem, além de remeter ao diálogo que vários textos podem proporcionar em seu conteúdo.

Devido a variedade de diferentes níveis de complexidade característica dos vários gêneros discursivos existentes, Bakhtin (1997) acreditou que a melhor forma de os interpretar seria utilizar uma classificação em que os diferentes gêneros se encaixassem da melhor forma de acordo com suas características, sendo essa

classificação composta de dois níveis distintos: os gêneros discursivos primários e os gêneros discursivos secundários (COSTA, 2007). Os gêneros primários seriam a comunicação discursiva imediata, no âmbito da ideologia do cotidiano, enquanto que os gêneros secundários surgiriam em condições de comunicação mais “complexas”, que incorporam os gêneros primários, se transformando (RODRIGUES, 2004). Tais gêneros secundários ao se transformar adquirem um caráter especial, que seria o de perder o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios (BAKHTIN, 1997). Tendo isso em vista, é possível afirmar que a literatura fantástica é um gênero discursivo secundário, pois ela se constitui em uma réplica do diálogo cotidiano, possuindo um conteúdo complexo e reproduzindo ideologias e interpretações de seu autor. A linguagem carrega parte da essência que compõem o fenômeno das práticas discursivas.

É possível perceber, portanto, que a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência socioideológica (BRANDÃO, 2004). Os discursos, enquanto resultado das práticas linguísticas e da ideologia, são atravessados por uma divisão entre dois espaços discursivos: o da manipulação das significações estabilizadas, normalizadas e o das transformações do sentido, sendo a fronteira entre esses dois espaços difícil de determinar (GREGOLIN, 2005).

Em suma, a língua se constitui na condição de possibilidade de produção de discurso, já que é uma “invariante” pressuposta por todas as condições de produção possíveis em um determinado momento histórico, enquanto os processos discursivos consistem na fonte de produção dos efeitos de sentido no discurso, em que a língua se mostra como o lugar material em que esses efeitos de sentido se realizam. Portanto, o processo discursivo é produção de sentido e o discurso é o espaço em que essas significações emergem (BRANDÃO, 2004). Dessa forma, como mostra Costa (2007), os gêneros do discurso como são trabalhados por Bakhtin demonstram o papel da tradição, ou seja, da memória na produção de enunciados sociais, onde cada gênero discursivo será o meio pelo qual podemos falar, nos fazer entender, produzir resposta e dialogar. É possível dizer, portanto, conforme visto em Costa (2007), que a memória social construída por grupos sociais seria criada pelos diversos enunciados, assim como criadora destes, construindo um determinado gênero do discurso que é, por sua vez, direcionado a uma dada esfera

social, ou seja, a um “quadro social” específico. A partir disso, veremos a seguir como o processo de construção de memória se dá e de que forma ela se encaixa no contexto de formação de relações sociais.

### 2.3 MEMÓRIA E COMUNIDADES AFETIVAS: A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES SOCIAIS

“Mas eu não quero me encontrar com gente louca’,  
observou Alice.  
‘Você não pode evitar isso’, replicou o gato. ‘Todos  
nós aqui somos loucos. Eu sou louco, você é louca’.  
‘Como você sabe que eu sou louca?’, indagou Alice.  
‘Deve ser’, disse o gato, ‘Ou não estaria aqui’.”  
(Lewis Carroll)

A construção de memória consiste em um dos temas interdisciplinares mais ricos nos embates que envolvem as Ciências Sociais. De acordo com Pollak (1989), a memória consiste em uma operação coletiva que reúne acontecimentos e interpretações de um passado o qual se quer salvaguardar. Tal operação coletiva resulta em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos como o de pertencimento e de fronteiras sociais entre coletividades de diversos tamanhos. O autor explica que tal referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e instituições de uma sociedade, definir o seu respectivo lugar na mesma, além de seus complementos e oposições irreduzíveis. As funções primordiais da construção da memória comum são, portanto, “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados) [...] Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência” (POLLAK, 1989, p. 7).

Nesse sentido, também é relevante citar a ideia do autor de que a memória é herdada – no sentido de que é transmitida principalmente por familiares, de geração em geração – e não se refere apenas à vida física de um indivíduo. Como explica Pollak (1992, p. 204), a memória

[...] também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso

é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada.

Tendo isso em vista, é possível perceber que a memória possui um importante papel na construção de significados e sentidos nas sociedades, além disso, ela é um elemento essencial e constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, pois é um fator extremamente importante para o sentimento de continuidade e de coerência de um indivíduo ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204). Memória não deve ser confundida com História, visto que a memória

[...] é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1981, p. 8)

A memória também possui outra especificidade, a de ser coletiva, no sentido de que as lembranças possuem uma força e capacidade de reconstrução maior se forem compartilhadas – e no caso, lembradas – por uma coletividade (HALBWACHS, 2004). Isso se dá devido à capacidade do ser humano de construir e desconstruir lembranças, que apesar de serem individuais, recebem novas nuances, olhares e significações a partir da troca entre vários indivíduos. Para Halbwachs (2004) todo ser humano possui uma referência, uma comunidade afetiva, que o norteia nos labirintos de lembranças e o auxilia a rememorar situações que lhe foram significativas, a partir desse grupo o qual ele faz parte. Se tomarmos como exemplo os grupos em redes sociais que compartilham um interesse, é possível perceber que eles constituem uma pequena comunidade, visto que foi estabelecida uma comunidade de pensamentos, que se interligou e se mesclou ao passado. Tal grupo exerce influência nas lembranças de um indivíduo, não necessariamente por sua presença física, mas sim pela

[...] possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288)

O processo de reconhecimento e reconstrução da memória – fenômeno intrínseco à produção de lembranças – dependem, portanto, da existência de uma comunidade afetiva, visto que tais lembranças retomam relações sociais e sentimentos produzidos a partir destas, e são esses grupos que permitem a identificação com uma mentalidade do mesmo no passado e o faz capaz de pensar, relembrar e se inserir como membro do grupo (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993). Nesse sentido, as redes sociais poderiam constituir locais em que grupos produzissem memória e identificação, a partir da formação de uma comunidade afetiva. Para Elias (1994), o social corresponde a um conjunto de relações que forma uma rede de indivíduos. Tal rede é bastante singular se levarmos em conta que

[...] cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependentes de outrem e tornaram outros dependentes dela. Ela vive, e viveu numa rede de dependências (ELIAS, 1994, p.22).

Sendo parte de uma rede social, o indivíduo transcende e se torna parte de algo maior, fenômeno que Christakis e Fowler (2009) explicitam ao mostrar que as redes sociais possuem uma forte influência na vida do homem, podendo alterar o seu comportamento e valores.

É inegável a influência que as redes sociais, associada à mídia, exerce no indivíduo e em toda a esfera social. Nesse sentido, os discursos que circulam na mídia contemporânea produzem uma rede simbólica que forja identidades a partir da “estética de si”. Para Foucault (2006), o cuidado de si corresponderia a uma postura ética perante o mundo em que o indivíduo, antes de agir sobre este, volta-se para si reflexivamente, agindo sobre si, seus valores e subjetividades para então atuar sobre o mundo. Tal “estética de si”, associada às práticas discursivas, constituem verdadeiros dispositivos identitários e produzem subjetividades como singularidades históricas a partir do agenciamento de trajetos e redes de memórias (GREGOLIN, 2005). São, portanto, essas redes de memória, construção, reconstrução e eterna alteração de significados que irão permear o âmbito das redes sociais e a cultura da convergência.

## 2.4 A POPULARIZAÇÃO DA LITERATURA FANTÁSTICA EM MEIO A CULTURA DA CONVERGÊNCIA

“[...] Pois como os druidas sabem, é aquilo em que a humanidade acredita que modela o mundo e toda a realidade.”

(Marion Z. Bradley)

De acordo com Castells (1999), o mundo contemporâneo se encontra no paradigma da informação, que vê na dinâmica de redes a característica essencial presente em qualquer sistema das novas tecnologias da informação, sobretudo devido à complexidade das interações que este estimula. Além dessas interações, o atual paradigma da informação promove novos comportamentos e valores sociais, já que “a presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade” (CASTELLS, 1999, p.497). A influência da rede de computadores nas culturas é um fator essencial para se pensar o contexto da popularização da literatura fantástica, pois

como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo. (CASTELLS, 1999, p. 414)

É um fenômeno que ultrapassa as barreiras do tempo e espaço, já que a partir dele pessoas do mundo inteiro “trocaram ideias, artigos, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com os interesses específicos” (LÉVY, 1999, p. 27). E é nesse jogo das relações sociais que os indivíduos se veem inseridos em processos de negociação, desenvolvendo trocas simbólicas, em um espaço de intersubjetividade e de interação de pessoas (SPINK; MEDRADO, 2004).

É uma mudança de paradigmas, em que novos tipos de mídia estão surgindo. Jenkins (2008) irá definir um desses fenômenos como “transmídia”, que seria

uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento. A

narrativa transmídia é a arte da criação de um universo. Para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica. (JENKINS, 2008, p. 48).

Esse fenômeno pode se iniciar em diversos tipos de mídia, como por exemplo, a franquia de filmes *Matrix* ou *Star Wars* e de livros como *O Senhor dos Anéis* ou *Harry Potter*. Todos constituem obras que não se limitaram apenas ao seu produto de origem, se expandindo para outros meios. No caso da literatura fantástica, em especial na fantasia, percebe-se que muitas obras receberam esse tratamento transmídia, entre eles *O Senhor dos Anéis*, *Harry Potter* e *Guerra dos Tronos*. Os livros transcendem sua característica literária e vão assumir novas formas: no cinema, em quadrinhos, jogos de videogame, séries de TV, brinquedos. Mas a principal característica da transmídia é que os fãs dessas obras deverão estar atentos em acompanhar todas essas manifestações, visto que só poderão compreender o universo da narrativa como um todo se tiverem acesso a todos esses produtos.

Jenkins (2008) mostra que a antiga cultura de massa deu lugar a parceria entre a cultura participativa – em que o consumidor participa ativamente da criação e propagação do produto – e a cultura comercial, resultando na cultura da convergência, que é construída sobre referências de vários conglomerados de mídia. Conforme Faccion (2010, p. 2), percebe-se que existe na cultura da convergência

um caráter fundamental de interação, que, se por um lado depende da competência tecnológica das novas mídias em abrir caminhos de interatividade, por outro, estabelece dois parâmetros de avaliação: a capacidade dos objetos de incitar a interação e o interesse da sociedade em interagir.

Cada vez mais esse fenômeno vem sendo percebido na esfera da literatura fantástica, pois os leitores vêm exigindo participar do universo de suas obras. Um caso a ser mencionado é o de *Harry Potter*, um dos maiores best-sellers da literatura de fantasia, em que a autora – J.K. Rowling – havia inicialmente afirmado que não



continuará a saga do bruxo<sup>6</sup>, porém, após intenso pedido dos fãs decidiu que faria uma peça de teatro chamada *Harry Potter and the Cursed Child*<sup>7</sup>, tratando sobre o filho mais novo de Harry Potter. Essa peça está sendo apresentada apenas na Inglaterra e para que tenha maior alcance será publicada em formato de livro no futuro<sup>8</sup>.

Além da cultura da convergência vemos, portanto, que a cultura participativa tem se mostrado uma forte tendência, influenciando a cultura comercial e os setores de *marketing*. É o que Jenkins (2008, p. 338) afirma ao dizer que

em alguns casos, a convergência está sendo estimulada pelas corporações como um modo de moldar o comportamento do consumidor. Em outros casos, a convergência está sendo estimulada pelos consumidores, que exigem que as empresas de mídia sejam mais sensíveis a seus gostos e interesses. Contudo, quaisquer que sejam as motivações, a convergência está mudando o modo como os setores da mídia operam e o modo como a mídia das pessoas pensa sobre sua relação com os meios de comunicação.

É um fenômeno em ascensão e que pode ser observado sobretudo em redes sociais, ambiente em que esses consumidores podem se reunir com uma variada gama de pessoas para compartilhar interesses, desejos e anseios em relação a suas obras favoritas. O que é importante destacar do que foi visto até o momento nesta pesquisa é, portanto, que o fenômeno da cultura da convergência está envolto por diferentes construções sociais, desde as práticas discursivas, memória, ideologias, jogos de poder, entre outras influências sociais, que se moldam para formular o que compreendemos como a realidade e nosso cotidiano. É a partir da compreensão dessa relação intrínseca que podemos entender nossa sociedade e perceber que vivemos em um complexo emaranhado de fenômenos sociais que influencia e permeia a vida do ser humano.

---

<sup>6</sup> J.K. Rowling diz que só escreverá outro livro no universo de Harry Potter se tiver ideia fabulosa, Omelete. Disponível em: <https://omelete.uol.com.br/filmes/noticia/jk-rowling-diz-que-so-escrevera-outro-livro-no-universo-de-harry-potter-se-tiver-ideia-fabulosa/>.

<sup>7</sup> Peça de teatro sobre Harry Potter começará onde livro parou, G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/10/peca-de-teatro-sobre-harry-potter-comecara-onde-livro-parou.html>.

<sup>8</sup> Peça de teatro com '8ª história' de Harry Potter vai virar livro, G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/02/peca-de-teatro-com-8-historia-de-harry-potter-vai-virar-livro.html>.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao se desenvolver uma pesquisa procura-se delinear respostas para problemas previamente propostos a partir do uso de instrumentos metodológicos. Tais instrumentos que auxiliam a confecção de um trabalho científico constituem, em geral, na busca por conhecimentos disponíveis na bibliografia da área e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Esse processo envolve inúmeras fases, que vão desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2002, p. 17). Nesta seção do trabalho serão apresentados os instrumentos metodológicos que foram utilizados na realização da pesquisa, sendo eles o campo da pesquisa, a população e amostra, além das técnicas de coleta e análise de dados.

#### 3.1 CAMPO DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa foi adotado o campo bibliográfico, pois ele é composto por material previamente elaborado, como é o caso de livros e artigos científicos (GIL, 2002, p. 44). Esse material é essencial para a elaboração da pesquisa, que irá propor um delineamento teórico e empírico de investigação. Entre o material utilizado, encontram-se livros, artigos científicos, periódicos e dicionários que abrangessem a temática estudada e que pudessem contribuir para a construção do referencial teórico e compreensão do estudo empírico.

#### 3.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Em relação às técnicas de coleta, foi feita a leitura de ampla gama de material bibliográfico que pudesse contribuir com a construção da hipótese da pesquisa. Para acompanhar a produção de obras que abordassem o tema da pesquisa, foi utilizado o Google Acadêmico, onde se cadastrou palavras-chave que pudessem recuperar documentos que fossem relevantes para a pesquisa. Entre as palavras-chave utilizadas estão “Memória”, “Gêneros Discursivos”, “Gêneros Literários”, “Cultura da Convergência”, “Redes Sociais” e “Análise do Discurso”. Além disso, foi utilizado como instrumento de coleta um questionário com perguntas fechadas e abertas, de forma a construir uma observação sistemática que tem por objetivo colher informações necessárias para analisar o fenômeno trabalhado na pesquisa. Aliado a isso, foi utilizado como instrumento de coleta a observação participante, em que o

pesquisador assume até certo ponto o papel de membro do grupo (GIL, 2002). Tal observação participante é de caráter natural, visto que a autora já era previamente um membro do grupo. O uso deste instrumento de coleta pode ser considerado uma vantagem, pois “os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida.” (GIL, 2002, p. 101). Além disso, a pesquisa seguirá os caminhos da netnografia, que seria um método interpretativo e investigativo para o comportamento cultural e de comunidades on-line (KOZINETS, 1997 apud AMARAL; NATAL; VIANA, 2008). Tal método apresenta vantagens explícitas como consumir menos tempo, ser menos dispendiosa e subjetiva, e pouco invasiva, já que pode se comportar como uma janela ao olhar do pesquisador acerca dos comportamentos naturais de uma comunidade durante seu funcionamento, fora de um espaço delimitado para a pesquisa, sem que este interfira diretamente no processo como participante fisicamente presente (KOZINETS, 2002 apud AMARAL; NATAL; VIANA, 2008). As autoras também explicam que, por outro lado, ela perde em termos de gestual e de contato presencial off-line que poderiam revelar nuances que não ficam explícitas pelo texto escrito, emoticons, etc. Além disso, o acesso à informação também é facilitado, pois a própria criação de dados on-line é feita de forma textual. Nos métodos presenciais de pesquisa qualitativa, é necessário que os dados sejam transcritos para uma posterior análise.

A análise de dados foi feita, portanto, por meio de um estudo qualitativo, que de acordo com Gil (2002, p. 133) seria uma “sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório”. Portanto, para a análise de dados será feita a simplificação dos dados do questionário, sua organização e interpretação com base na bibliografia proposta no referencial teórico.

### 3.3 POPULAÇÃO/AMOSTRA

A pesquisa foi realizada em um grupo de fãs de literatura fantástica da rede social *Facebook* chamado “Livros de Fantasia e Aventura – SKOOB”, o qual a autora também é participante. Tal nome se dá devido ao fato de que grande parte constituinte desse grupo é participante também de outra rede social, chamada SKOOB, que tem por objetivo permitir que os usuários organizem estantes de livros, livros preferidos, históricos de leitura, além de interagir com outros interessados e

compartilhar resenhas sobre as obras. A população consistiu, portanto, de membros do grupo “Livros de Fantasia e Aventura – Skoob”, enquanto que a amostra é composta pelos membros que aceitaram responder o questionário, em um total de 32 pessoas.

## **4 A FANTÁSTICA FÁBRICA DE MEMÓRIAS: REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA FANTÁSTICA EM MEIO A ERA DA CONVERGÊNCIA**

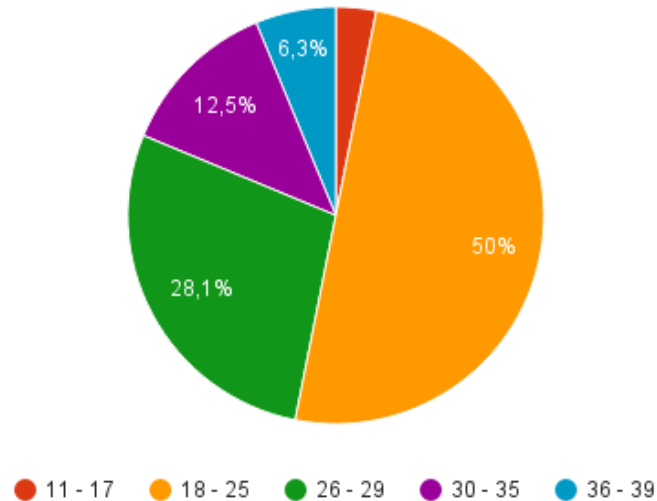
Não é um fenômeno recente o interesse que a indústria cinematográfica possui em histórias e contos de cunho fantástico, vide filmes antigos de super-heróis, de fantasia e terror. Porém, percebe-se que nos últimos anos existe um maior interesse em adaptar livros de literatura fantástica, sobretudo trilógias ou séries, para o cinema. Isso ocorre, pois existe um interesse mercadológico por parte tanto das editoras, quanto da indústria cinematográfica, entre outras mídias, visto que “estar entre “os mais vendidos” significa não apenas um resultado, mas uma agregação de valor e consolidação da qualidade de uma obra para a massa, legitimada pela própria massa através do consumo” (ARANHA; BATISTA, 2009, p. 127), ou seja, o fato de determinada obra estar entre as mais vendidas é uma legitimação por parte de seus leitores, o que faz dela uma perfeita fonte para adaptações para outras mídias. Esse fenômeno toma grandes proporções quando aliado às tecnologias de informação e comunicação, sobretudo as redes sociais, pois é um ambiente que está intrinsecamente relacionado à convergência das mídias e dos meios de comunicação. A convergência impacta o modo com que tais mídias e meios de comunicação são consumidos (JENKINS, 2008). A seguir, serão analisados os dados relativos ao questionário aplicado no grupo de *Facebook* “Livros de Fantasia e Aventura – SKOOB”, de forma a tentar dialogar com o problema da pesquisa e com o embasamento teórico previamente discutido.

### **4.1 ANÁLISE DOS DADOS: O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO**

Tendo como base Minayo (1992 apud GOMES, 1996), percebe-se que para se fazer uma interpretação qualitativa dos dados é necessário inicialmente estabelecer determinações fundamentais, no caso, explicitar aspectos como a conjuntura socioeconômica e política o qual o grupo estudado faz parte. A partir disso será relatado a seguir os dados da pesquisa referente aos aspectos relacionados ao contexto sócio-histórico do grupo.

Em relação à faixa etária dos participantes da pesquisa:

Gráfico 1 – Faixa etária dos participantes



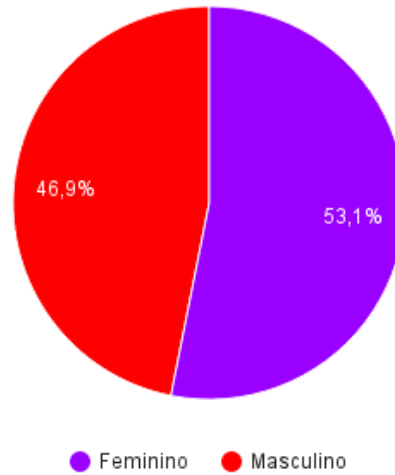
Fonte: Elaborado pela autora.

Não houveram participantes com menos que 11 e mais do que 40 anos, sendo que daqueles que participaram, 3,1% estavam na faixa etária entre 11 e 17 anos; 50% entre 18 e 25; 28,1% entre 26 e 29; 12,5% entre 30 e 35, e por fim, 6,3% entre 36 e 39 anos. Isso mostra que existe uma grande quantidade de jovens adultos no grupo, que provavelmente cresceram nos anos 90 e vivenciaram durante a infância e adolescência o *boom* da série *Harry Potter*, um dos maiores marcos transmidiáticos da literatura infanto-juvenil<sup>9</sup>. No caso do gênero dos participantes:

---

<sup>9</sup> Geração Harry Potter, Carta Capital. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/educacao/geracao-harry-potter>>.

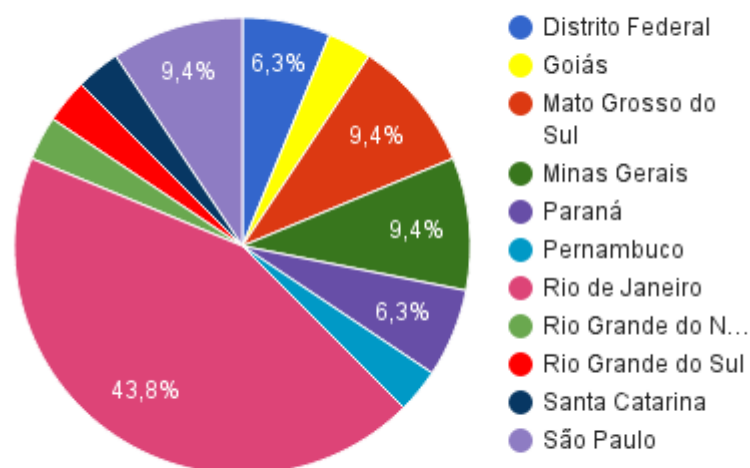
Gráfico 2 – Gênero dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora.

Em torno de 53,1% se definiu como do gênero feminino, enquanto que 46,9% como do gênero masculino. Em relação ao estado em que as participantes residem:

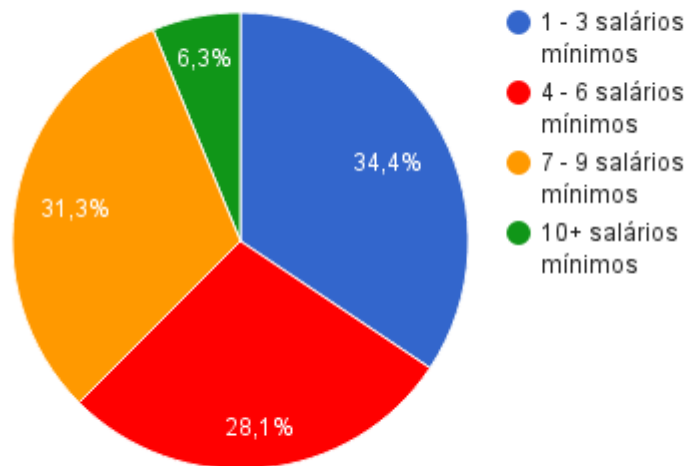
Gráfico 3 – Estado em que os participantes residem



Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria dos participantes reside no estado do Rio de Janeiro, compreendendo 43,8% dos participantes. Em seguida os estados do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo compreendem cada um 9,4% dos participantes. O Distrito Federal e o Paraná vêm em seguida com 6,3% e por fim, Goiás, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Santa Catarina com 3,1%. Os estados que não foram mencionados não tiveram participantes. Por fim, foi indagada a renda familiar mensal dos participantes, que pode ser vista a seguir:

Gráfico 4 – Renda Familiar Mensal dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se que a renda familiar mensal dos participantes ficou bem distribuída, sendo somente 6,3% dos participantes situados na faixa de 10 salários mínimos ou acima. Portanto, é de extrema importância salientar que a amostra de integrantes do grupo que participaram desta pesquisa expressa um panorama heterogêneo, com pessoas de diversas idades, localidades, gênero e renda. Tal informação é interessante, visto que “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 1996, p.20). Ou seja, o sentido que um leitor dá a um livro está

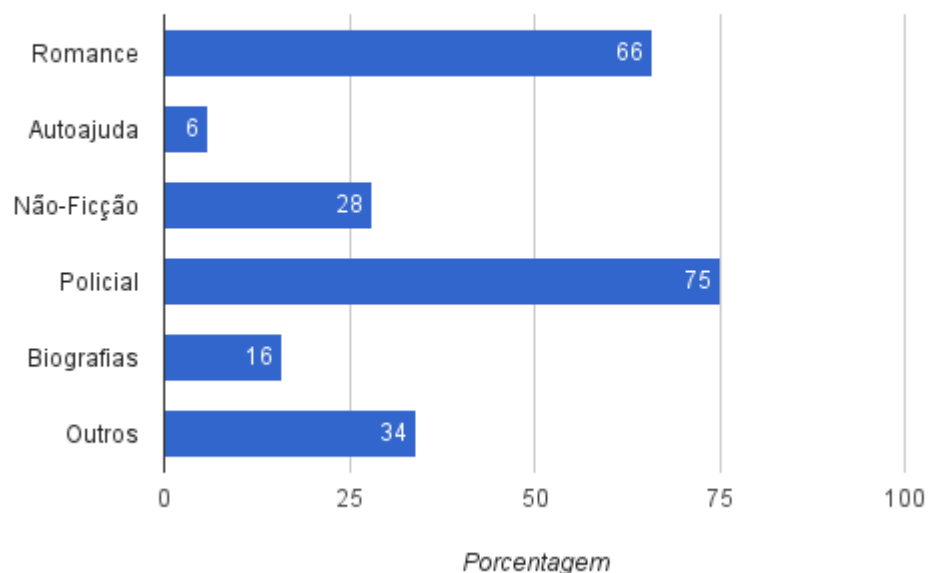


intrinsecamente ligado ao seu contexto social e histórico, às suas experiências e ao seu cotidiano. Tendo tais informações como base é possível seguir para o que Minayo (1992 apud GOMES, 1996) chama de segundo nível de interpretação, em que serão analisados os fatos que surgiram durante a investigação.

#### 4.2 ANÁLISE DOS DADOS: LITERATURA, MEMÓRIA E ERA DA CONVERGÊNCIA

Buscando descobrir mais detalhes sobre os gostos e interesses dos participantes, foram feitas perguntas que exprimissem tais nuances e que revelassem se esses indivíduos acompanham o fenômeno transmidiático que ocorre na era da convergência. De forma a conhecer um pouco mais os hábitos de leitura dos participantes, a primeira questão indaga quais gêneros literários o indivíduo costuma ler além da literatura fantástica, que geralmente é composta por Fantasia, Ficção Científica ou Terror. O gráf. 5 a seguir mostra o resultado:

Gráfico 5 – Quais gêneros literários você costuma ler, além da literatura fantástica (Fantasia, Ficção Científica e Terror)?



Fonte: Elaborado pela autora.

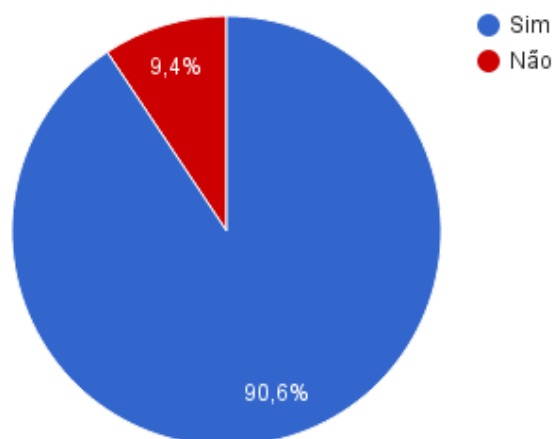
Por ser uma questão fechada, mas que possibilitava múltiplas opções, os participantes puderam votar em mais de uma opção. Percebe-se que todos possuem interesses em outros gêneros literários, sendo o romance e o policial os gêneros que mais agradam aos leitores. Biografias e autoajuda são os que menos despertam o interesse dos participantes, sendo a autoajuda a que menos se destaca em relação aos outros.

A seguir foi questionado se os livros com a temática fantástica, entre eles fantasia, ficção científica e terror, eram considerados seus favoritos. Tal questão buscou esclarecer se o interesse dos participantes no grupo era coeso, no sentido de que compartilhavam um grande interesse por um tema específico, visto que uma comunidade virtual se constrói

sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (LÉVY, 1999, p. 128).

O gráfico a seguir expõe o resultado da pergunta:

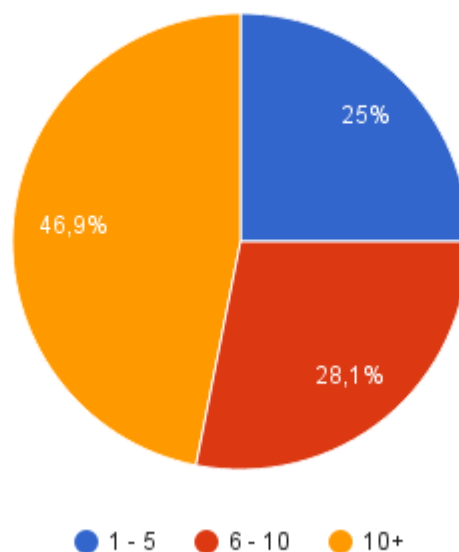
Gráfico 6 – Você diria que livros com temática fantástica (terror, ficção científica ou fantasia) são os seus favoritos?



Fonte: Elaborado pela autora.

Isso mostra que os participantes compartilham um interesse em comum que os une. Seguindo os questionamentos sobre os hábitos dos participantes, foi perguntado quantos livros de literatura fantástica o indivíduo costuma ler ao ano, que pode ser visto a seguir:

Gráfico 7 – Quantos livros de literatura fantástica você costuma ler ao ano?



Fonte: Elaborado pela autora.

São números muito bons de leitura. Na pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), chamada “Retratos de Leitura no Brasil”, percebe-se que o número de indivíduos considerados leitores<sup>10</sup> tem aumentado e que a média é de 4,96 livros lidos por habitante por ano<sup>11</sup>. Tendo esses dados como base, vê-se que a média dos entrevistados se situa acima da média nacional, uma média que é passível de aumentar, pois foram considerados na pesquisa somente livros referentes à literatura fantástica. Também é importante salientar o que Becker e Geer (1957) enfatizam ao explicar que em uma entrevista qualitativa existem algumas limitações, sendo uma delas o fato de que o entrevistado pode distorcer algumas informações

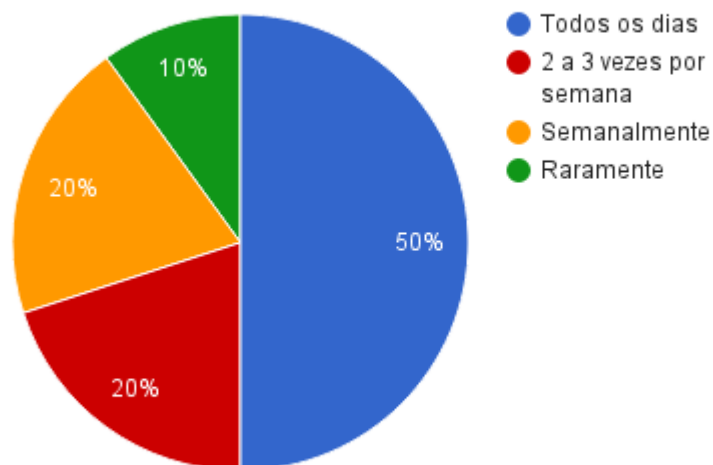
<sup>10</sup> De acordo com o Instituto Pró-Livro, é considerado “Leitor” aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses.

<sup>11</sup> Dados referentes ao ano de 2015.

ou dados, fornecendo uma versão enganadora que é impossível de ser testada e analisada. Tal possibilidade também deve ser levada em consideração.

A pergunta a seguir foi feita de forma a avaliar se os participantes costumam acessar fontes como sites, *blogs*, fóruns e grupos do *Facebook* como meio de se informar sobre livros de literatura fantástica e, daqueles que o fazem, com qual frequência é o acesso. No resultado da pesquisa, 93,8% afirmam acessar alguma fonte para se informar sobre livros de literatura fantástica, enquanto que 6,3% não o fazem. Em relação à frequência de acesso:

Gráfico 8 – Com que frequência você acessa?



Fonte: Elaborado pela autora.

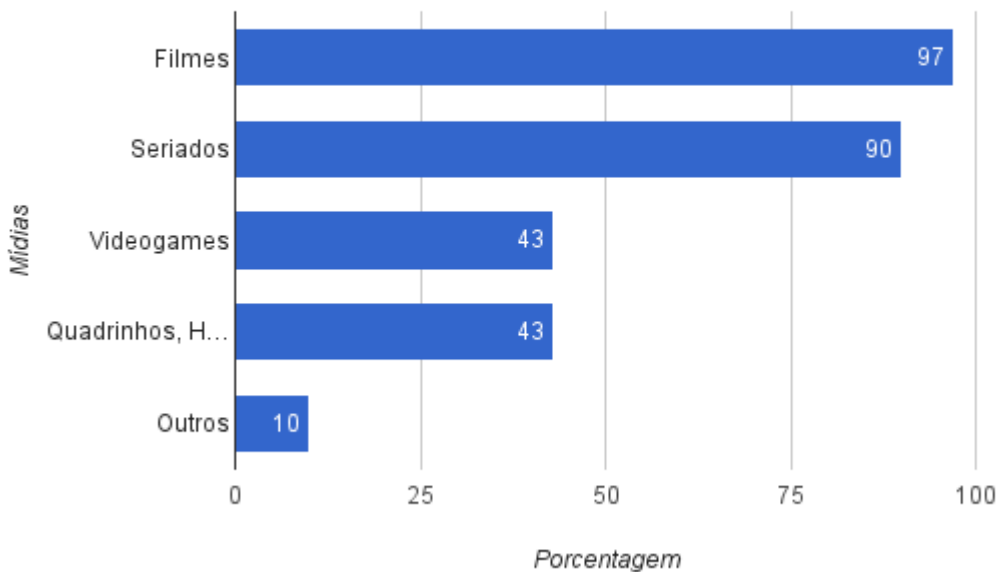
Tal resultado mostra que os entrevistados costumam buscar informações sobre o gênero literário que os interessa, sendo que metade deles o faz diariamente. A pergunta seguinte busca avaliar se esses indivíduos se consideram participativos<sup>12</sup> no grupo “Livros de Fantasia e Aventura – Skoob”. O resultado da pesquisa mostra que 53,1% se consideram participativos no grupo, enquanto que 46,9% não se considera participativo. Ou seja, pelo menos metade dos entrevistados possui algum

<sup>12</sup> Consideramos para a pesquisa que o usuário participativo é aquele que comenta, curte ou posta na comunidade.

tipo de interação com os outros membros do grupo e com o conteúdo que é partilhado no mesmo.

A seguir buscou-se analisar a influência transmidiática nos hábitos dos entrevistados, questionando se os mesmos costumam acompanhar adaptações ou outras mídias que se baseiam em livros de literatura fantástica. Dos entrevistados, 93,8% afirmam acompanhar outras mídias que se baseiam em livros de literatura fantástica, enquanto que 6,2% não o fazem. Desses entrevistados que acompanham outras mídias, é possível ver no gráfico a seguir as suas preferências:

Gráfico 9 – Quais mídias baseadas em livros de literatura fantástica você acompanha?



Fonte: Elaborado pela autora.

Fica claro que as produções audiovisuais como filmes e seriados são as maiores preferências dos entrevistados, tendo videogames, quadrinhos e mangás uma certa expressão significativa. Tal resultado revela a influência da era da convergência, visto que o interesse do indivíduo não está focado somente em um tipo de mídia, mas em todo o ambiente midiático que revolve em torno de um tema. Em seguida buscou-se descobrir por qual tipo de mídia os entrevistados preferem ter inicialmente acesso, considerando um tema que esteja em diferentes mídias. Em

torno de 93,3% preferem ter acesso inicialmente ao livro, enquanto que 3,3% preferem ter acesso inicialmente a seriados e 3,3% a outras mídias. Isso mostra que os entrevistados ainda preferem ter acesso inicialmente a um livro, independente de outras mídias no qual um tema sobre literatura fantástica possa surgir.

A próxima seção do questionário buscou explicitar se os entrevistados já desenvolveram relações sociais com outros membros de grupos que abordassem o tema da literatura fantástica, de forma a descobrir se de fato existe uma aproximação dos indivíduos em um ambiente virtual. Dos participantes, 37,5% afirmaram já terem feito amizades com outros membros, enquanto que 62,5% afirmam que não. Existe, portanto, uma parcela que afirma ter formado laços de amizade em um ambiente virtual. Tais laços podem ser mais intensos ou não, mas explicitam uma interação social entre o entrevistado e outros membros. Em seguida, buscou-se questionar se as discussões sobre temas de literatura fantástica foram essenciais para construir esses relacionamentos virtuais e o porquê. É unânime entre os entrevistados que o interesse comum no tema os levou a desenvolver conversas com outros integrantes do grupo que participam, que foram se transformando até evoluírem em amizade. Dos entrevistados que responderam a esta questão, 91,7% acredita ser essencial, enquanto 8,3% não teve certeza. Para a maioria o gosto em comum criaria afinidades que facilitariam a amizade, já que possuem gostos específicos. Houve inclusive, quem afirmasse que por não possuir conhecidos que compartilhassem o mesmo interesse literário, viram nas comunidades uma forma de conhecer pessoas geograficamente distantes, mas que dividiam o mesmo interesse, que fossem do mesmo “nicho”. Dessa forma, percebe-se que o interesse comum forma uma coesão social, reforçando a ideia de Halbwachs (2004) de comunidade afetiva.

A questão seguinte buscou descobrir se entre as pessoas que já fizeram amizades em comunidades virtuais que abordassem o tema da literatura fantástica, ocorriam bate-papos privados e/ou fora dos grupos como, por exemplo, *Whatsapp*, *Messenger* ou outros meios de comunicação. Todos os participantes afirmaram que sim e quando questionados se as conversas iam além do assunto “literatura fantástica” novamente todas as respostas foram afirmativas. Isso corrobora a ideia de Lévy (1999) de que afinidades e interações que levem posteriormente a amizades podem se desenvolver em grupos de discussão.

As próximas questões buscaram desvendar se alguma dessas amizades já havia ultrapassado a barreira virtual, ou seja, se os participantes já se encontraram pessoalmente com outros membros que eles haviam feito amizade em um ambiente virtual. Metade dos participantes afirmou que sim, enquanto que a outra metade não, o que mostra que amizades iniciadas em uma rede social ou em um ambiente virtual podem ultrapassar tal barreira, podendo haver uma interação presencial. Em relação ao local em que os participantes encontraram tais amizades iniciadas no mundo virtual, a maioria afirma ter encontrado em eventos de grande porte (Como Bienais do Livro, Comic Con etc.), shoppings e pontos turísticos. Apenas dois dos participantes mencionaram encontros na residência de um dos indivíduos. Isso revela que as comunidades virtuais não se limitam ao ambiente virtual visto que, como dizia Lévy (1999, p. 130), “o desenvolvimento das comunidades virtuais acompanha, em geral, contatos e interações de todos os tipos”. O encontro na residência de um dos amigos também revela que tais amizades são passíveis de evoluir para relações mais próximas e íntimas.

Por fim, foi questionada qual obra de literatura fantástica é a favorita do participante, de maneira a analisar quais são as obras que causaram mais impacto entre os membros do grupo. Entre os mais citados encontram-se:

- 1ª posição: *Harry Potter*
- 2ª posição: *O Senhor dos Anéis*, *Crônicas de Gelo e Fogo* e *A Roda do Tempo*
- 3ª posição: *O Silmarillion*, *O Nome do Vento*, *Mistborn* e *Duna*

A partir desse resultado, percebe-se que algumas obras que são sucesso de vendas e que tiveram adaptações audiovisuais, como *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*, *Crônicas de Gelo e Fogo*<sup>13</sup> e *Duna*. Enquanto que outras obras como *A Roda do Tempo*, *O Nome do Vento* e *Mistborn*, apesar de não terem adaptações, já possuem os direitos de adaptação adquiridos por grandes indústrias cinematográficas.

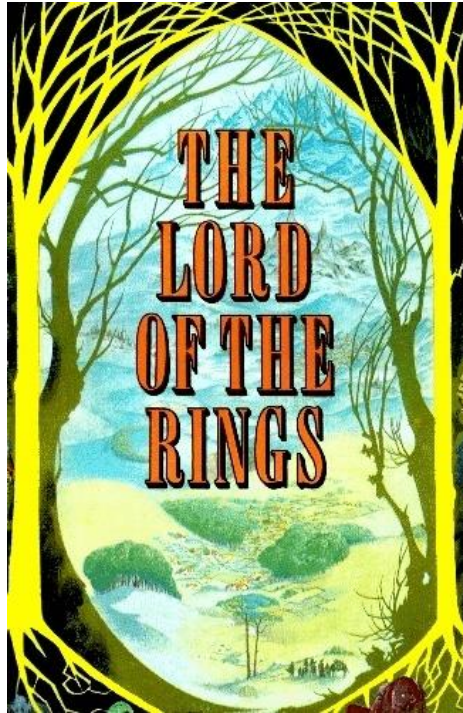
A trilogia *O Senhor dos Anéis* (1954-1955) pode ser considerada o grande marco transmidiático para a literatura fantástica se for levado em conta o impacto

---

<sup>13</sup> Também conhecida como *Guerra dos Tronos*.

que a sua publicação gerou nos anos 60, influenciando inclusive o movimento de contracultura da época<sup>14</sup>. Bandas famosas como Led Zeppelin, Beatles, Pink Floyd, entre outras utilizaram as obras de Tolkien como influencia para suas canções.

Figura 1 – A primeira edição completa de “O Senhor dos Anéis”



Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Lord\\_of\\_the\\_Rings](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Lord_of_the_Rings) (2016)

Foram lançados quadrinhos e animações contando a história, uma verdadeira comoção para a época. A obra inspirou praticamente todos os autores de literatura fantástica que publicaram posteriormente, além de ter inspirado RPGs (*Role-Playing Games*) e videogames<sup>15</sup> ao longo dos anos. Anos depois, as obras de Tolkien continuaram a influenciar a cultura popular com o lançamento dos filmes produzidos pelo diretor cinematográfico Peter Jackson.

---

<sup>14</sup> Como 'O Senhor dos Anéis' virou um ícone da contracultura, BBC. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141128\\_vert\\_cul\\_tolkien\\_dg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141128_vert_cul_tolkien_dg)>.

<sup>15</sup> O metal "Mithril" criado por Tolkien pode ser visto em diversos jogos eletrônicos, sendo um metal considerado raro e de grande resistência.



Figura 2 – Pôster do primeiro filme de “O Senhor dos Anéis”



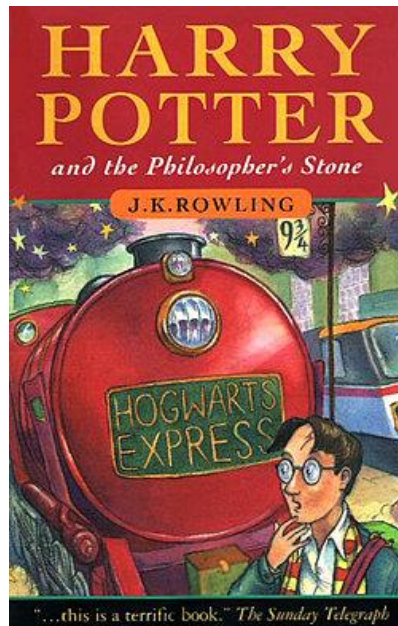
Fonte: Wikipédia “Lord of the Rings – The Fellowship of the Ring”<sup>16</sup>

Após o sucesso de *O Senhor dos Anéis*, houveram mais dois sucessos transmidiáticos que tiveram forte impacto na cultura popular: a saga *Harry Potter* (1998) e as *Crônicas de Gelo e Fogo* (1996). *Harry Potter* (1998) consiste em 7 livros que fizeram um enorme sucesso ao longo de seu lançamento. Inclusive, o seu sucesso foi tamanho que a *Walt Disney Studios* decidiu construir um parque temático que aborda somente sobre o universo de *Harry Potter* como parte de seu parque *Walt Disney World*, em Orlando nos Estados Unidos. As *Crônicas de Gelo e Fogo* (1996) é composta por cinco livros publicados e ainda está em andamento. Seu sucesso mundial se deu devido ao lançamento da série de TV da *HBO* baseada na obra e que utiliza o nome do primeiro livro da série, *A Guerra dos Tronos*.

---

<sup>16</sup> Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Lord\\_of\\_the\\_Rings:\\_The\\_Fellowship\\_of\\_the\\_Ring](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Lord_of_the_Rings:_The_Fellowship_of_the_Ring)>. Acesso em: dez. 2016.

Figura 3 – Primeira edição de “Harry Potter e a Pedra Filosofal”



Fonte: Wikipédia Harry Potter<sup>17</sup>

Ambas as obras sofreram influência da transmídia, tendo suas obras adaptadas para o meio audiovisual, quadrinhos, videogames, entre outras mídias. No caso de *Harry Potter*, percebeu-se o peso da convergência na cultura popular, visto que cada vez mais os

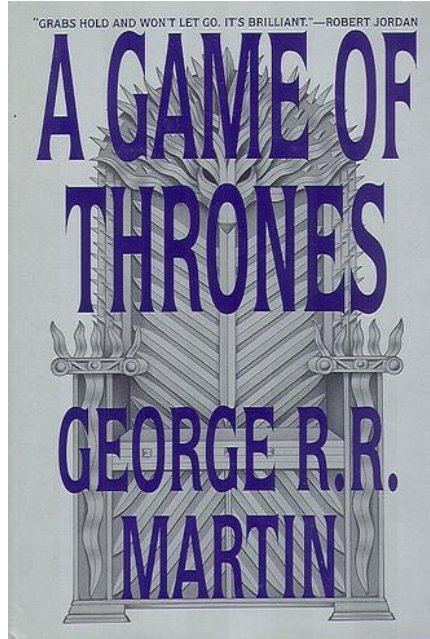
Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores. As promessas desse novo ambiente midiático provocam expectativas de um fluxo mais livre de ideias e conteúdos. Inspirados por esses ideais, os consumidores estão lutando pelo direito de participar mais plenamente de sua cultura. (JENKINS, 2008, p. 44).

Isso é percebido quando Jenkins (2008) mostra que a partir da obra, fãs passaram a desenvolver histórias próprias, popularmente chamadas de *fanfics*, como forma de satisfazer seus desejos e fantasias. Tal fenômeno obrigou as mídias tradicionais a repensar a forma com que lidavam com direitos autorais e propriedade intelectual. No caso de *Guerra dos Tronos*, o fenômeno transmidiático tomou novas formas, em que

<sup>17</sup> Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Harry\\_Potter\\_e\\_a\\_Pedra\\_Filosofal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter_e_a_Pedra_Filosofal)>. Acesso em: dez. 2016.

a atual forma de consumir as narrativas ficcionais segue uma tendência mais ativa – embora em diferentes níveis –, e os receptores, por meio da Internet e das tecnologias digitais, podem acessar e experienciar coletivamente o desenrolar das histórias [...]. (OIKAWA; JOHN; AVANCINIL, 2012, p. 111).

Figura 4 – Primeira edição de “A Guerra dos Tronos”



Fonte: Wikipédia A Song of Ice and Fire<sup>18</sup>

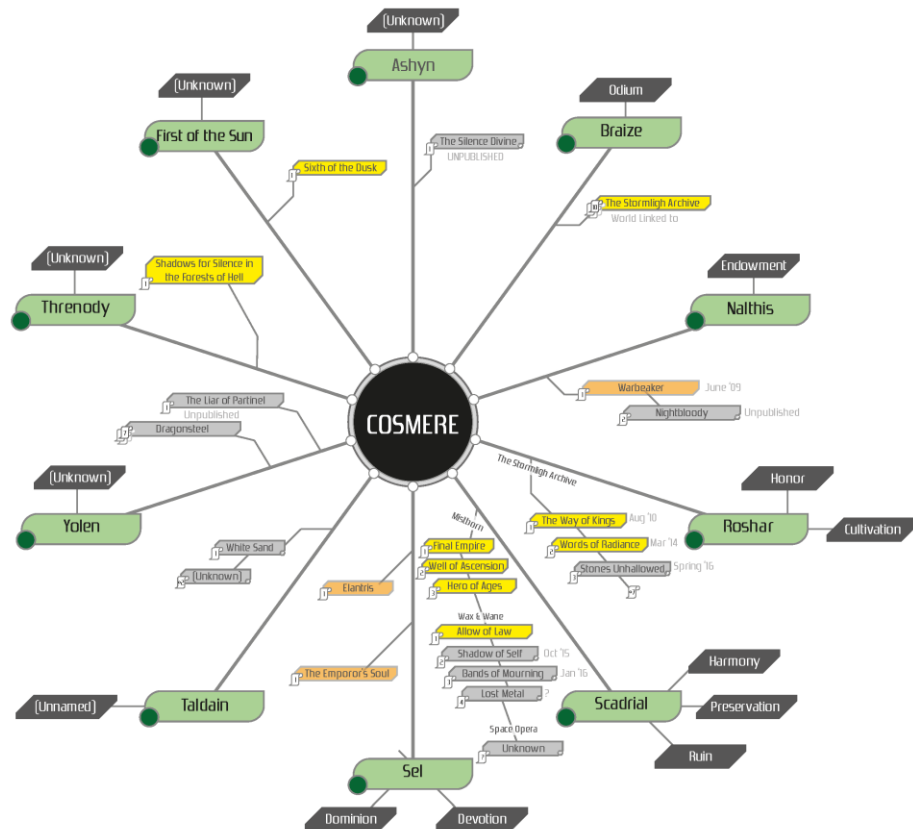
No grupo “Livros de Fantasia e Aventura – SKOOB” a autora percebeu tal fenômeno nas “Leituras conjuntas” criada pelo grupo. A “leitura conjunta” consiste na votação para a escolha de uma obra de literatura fantástica que será lida, comentada e discutida pelos participantes. É feita a votação e a partir da escolha da obra, os que não possuem a mesma a compram, sendo definido um período de leitura e o período de discussão da obra escolhida. Nessas “leituras” são levados em conta produções de outras mídias que possam influenciar o andar da narrativa, sendo construídas teorias para a compreensão geral da obra.

Uma das obras indicadas pelo grupo como favorita, *Mistborn* (2006), se encaixa nesse fenômeno. A obra, criada por Brandon Sanderson, faz parte de um universo ficcional chamado “Cosmere” que liga outros livros escritos pelo mesmo autor a uma narrativa compartilhada. Para compreender o contexto geral da “Cosmere” é preciso ler todos os livros, além de outras mídias produzidas pelo autor. Existem membros do grupo que se interessaram tanto pela transcendência da obra

<sup>18</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Game\\_of\\_Thrones](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Game_of_Thrones)>. Acesso em: dez. 2016.

que criaram grupos específicos para a discussão do universo do autor, resultando em mapas e diagramas que procuram explicar a complexidade da “Cosmere”, por exemplo.

Figura 5 – Universo da Cosmere organizada por um fã



Fonte: Reddit<sup>19</sup>

A “leitura conjunta” também expressa outra nuance da comunidade, ao estimular a construção de uma memória coletiva do grupo. O leitor constrói a memória individual em relação à leitura da obra, associando sentimentos e percepções à mesma. Posteriormente, ao se juntar as “leituras conjuntas”, os membros recriam tais sensações e percepções, formando uma memória coletiva que expressa sempre um movimento de negociação, de disputa do que deve ser exaltado e o que deve ser esquecido, visto que

<sup>19</sup> Disponível em:

<[https://www.reddit.com/r/brandonsanderson/comments/2yfo0g/i\\_created\\_a\\_cosmere\\_map\\_am\\_i\\_mis\\_sing\\_anything/](https://www.reddit.com/r/brandonsanderson/comments/2yfo0g/i_created_a_cosmere_map_am_i_mis_sing_anything/)>. Acesso em: dez. 2016.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 1968 apud POLLAK, 1989, p. 3).

Ou seja, é criado no grupo uma memória coletiva de como determinada obra é percebida e isso muitas vezes transforma as percepções iniciais do leitor. Não é raro acompanhar no grupo pessoas que inicialmente não gostaram de determinada obra ou personagem, mas que ao conviver com o grupo decidiu novamente lê-la e que a avaliou com um novo olhar, se identificando com as percepções e sentimentos que o grupo exalta.

Também a partir da observação participativa, foi possível perceber certas especificidades do grupo. Uma delas é de que existem autores que são considerados “tabus” na comunidade, no sentido de que grande parte dos membros não gosta do autor, nem de suas obras. E por isso sempre que um novo membro menciona tal autor, vários membros antigos do grupo rapidamente se reúnem, promovendo *memes*, brincadeiras humoradas e às vezes alguns comentários sarcásticos. Lévy (1999) mostra que geralmente os participantes de comunidades virtuais desenvolvem uma forte moral social, leis não escritas na comunidade, que regem as suas relações. Tais relações raramente transcorrem sem conflitos e podem “expressar-se de forma bastante brutal nas contendas oratórias entre membros ou nas flames durante as quais diversos membros ‘incendiam’ aquele ou aquela que tenha infringido as regras morais do grupo” (LÉVY, 1999, p. 129). Todo final de ano, por exemplo, o grupo se reúne para votar quais foram as melhores obras de literatura fantástica do ano, e o que geralmente resulta em acaloradas discussões entre os membros que buscam expor suas opiniões e mostrar o porquê de determinada obra ter sido a melhor publicação do ano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero literário fantástico consiste em um dos gêneros mais complexos e de difícil delimitação. Apesar de vários autores terem buscado definir um conceito, ainda não foi possível chegar a uma conclusão definitiva. Porém, o que fica claro é que o contexto social é um dos fatores essenciais para a compreensão do gênero, pois os leitores são os principais responsáveis por delinear os limites do que se entende por literatura fantástica.

Em meio ao processo da globalização, se desenvolve fenômenos intrínsecos a ele como o da cibercultura e o da era da convergência. A cibercultura se baseia em dois princípios, o da interconexão e o desenvolvimento de comunidades virtuais. Tais comunidades virtuais estão cada vez mais imersas na cultura da convergência, um fenômeno que reúne diversas mídias em um mesmo ambiente.

A cultura da convergência também possui um fenômeno próprio chamado “transmídia”, em que se utilizam diversas mídias para formar uma narrativa, forçando o indivíduo a acessar todas para compreender o contexto geral. É um fenômeno mercadológico, porém, uma das principais características da cultura da convergência é que, assim como as mídias influenciam os consumidores, também são influenciados pelos mesmos, formando um círculo vicioso.

Todo esse processo perpassa pelas práticas discursivas e pela construção de memória, visto que por serem fruto de práticas sociais, estão intrinsecamente associadas ao contexto sócio-histórico de uma época. A memória existe como forma de coesão social, de salvaguarda da referência e da continuidade de um grupo. Além disso, a memória possui a especificidade de ser coletiva, no sentido de que a sua (re)construção se fortalece quando reestruturada por um coletivo e se vê permeada por gêneros discursivos diversos que reproduzem ideologias e falas de seus autores.

Ao longo da pesquisa, realizada no grupo “Livros de Fantasia e Aventura – SKOOB” da rede social *Facebook*, foi possível perceber que o gênero literário de literatura fantástica, enquanto prática discursiva é capaz de agir como elemento agregador de relações sociais. Os grupos de *Facebook* que abordam temáticas literárias costumam compartilhar as suas percepções e sensações em relação à uma obra, o que remete aos antigos clubes de leitura. Porém, os grupos de *Facebook* que possuem temáticas literárias, apesar de similar aos clubes de leitura, possuem

dinâmicas diferentes devido à sua natureza virtual. A literatura fantástica é capaz de atuar como meio de aproximação e formação de elos entre os admiradores do gênero, fazendo com que pessoas distantes geograficamente se conheçam e possam vir a desenvolver amizades. Isso pode ser percebido por meio dos membros da comunidade que participaram do questionário, que possuem contextos, experiências e qualidade de vida diferentes, mas isso não os impede de possuir interesses em comum, compartilhar suas experiências literárias e até construir laços no ambiente virtual e fora dele.

A memória individual e coletiva do grupo transparece no momento em que um membro lê uma obra e traz as suas lembranças, percepções e sentimentos relacionados ao livro para o grupo e em conjunto com o mesmo desenvolve uma memória coletiva acerca das sensações que estão associadas à obra. Esse fenômeno revela a atuação da memória como fonte de coesão social em um grupo. Além disso, é importante frisar que a memória que é produzida no grupo também funciona como um enunciado, sendo que tais enunciados estão em constante transformação, construindo novas memórias a partir das mudanças de enunciados, gerando uma dinâmica cíclica e que produz uma constante troca.

Em relação aos resultados do questionário, é importante frisar também que os participantes possuem uma média de leitura superior à média nacional e que a maioria possui maior interesse em ter acesso inicialmente ao livro, do que a outra mídia relacionada a um tema. É um dado importante para o profissional bibliotecário, pois revela como, apesar da influência esmagadora da era da convergência, o livro continua sendo a fonte mais buscada. Além disso, mostra que é essencial para o bibliotecário estar atento às diversas mudanças e transformações sociais, visto que estar a par do que acontece nas redes sociais pode ser uma informação valiosa, sobretudo para a formulação estratégica de unidades de informação.

Os resultados do questionário também revelaram quais as obras de literatura são as preferidas dos participantes, sendo três das mais citadas (*O Senhor dos Anéis*, *Harry Potter* e *As Crônicas de Gelo e Fogo*) envoltas no contexto transmidiático, com adaptações em diversas outras mídias, como cinema e histórias em quadrinhos. Outras obras que também foram bastante citadas já possuem seus direitos de reprodução adquiridos pela indústria cinematográfica. O fenômeno transmidiático também pôde ser percebido na comunidade estudada, pois existem

autores que estão produzindo conteúdo em diversas mídias e os membros do grupo se reúnem para discutir e formular teorias acerca do universo da obra.

Em suma, percebeu-se que a literatura fantástica, enquanto gênero discursivo que é socialmente construído, funciona como elemento para a construção de memória social e de relações sociais e está relacionada à era da convergência e aos fenômenos transmidiáticos. Essa relação ocorre, pois, apesar de ser um fenômeno que visa o consumo, a transmídia também está intrinsecamente envolta pelas nuances que permeiam o social e necessita deste para legitimar a sua existência. O *marketing* que impulsiona a transmídia vem justamente dos discursos produzidos pela sociedade, visto que o interesse pela literatura fantástica é usado pelas diversas mídias como fonte de consumo. A indústria cultural observa constantemente a reação de grupos e *fandoms* a determinadas obras e assuntos, e isso influencia a escolha de suas produções. É uma dinâmica recíproca e constante.

Em relação a trabalhos futuros, pretende-se aprofundar a pesquisa buscando analisar se o bibliotecário é capaz de utilizar o fenômeno transmidiático e as redes sociais em prol das unidades de informação, realizando questionários mais elaborados e cruzando as informações com dados fornecidos por instituições que abordem a temática, além de formular entrevistas de forma a colher dados qualitativos para enriquecer a pesquisa. Tal aprofundamento será relevante para explicitar as diversas possibilidades de atuação que o profissional bibliotecário possui em um contexto em que cada vez mais o rumo se dirige para uma era da convergência.



## REFERÊNCIAS

- AQUILES, Márcio. Livros 'fantásticos' são fenômenos de vendas no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/60006-livros-fantasticos-sao-fenomenos-de-vendas-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 18 jul. 2016.
- AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico na pesquisa em comunicação digital. **Sessões do Imaginário**, ano 13, n. 20, p. 34-40, dez. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687>>. Acesso em: 08 jan. 2017.
- ARANHA, G.; BATISTA, F.. Literatura de massa e mercado. **Revista Contracampo**, n. 20, p. 121-131, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/11/26>>. Acesso em: 28 nov. 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível em: <[http://issuu.com/fernandalima4/docs/bakhtin\\_\\_m.\\_estetica\\_da\\_cria\\_\\_\\_o\\_v](http://issuu.com/fernandalima4/docs/bakhtin__m._estetica_da_cria___o_v)>. Acesso em: 12 jun. 2016.
- BARROS, Diana L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana L. P. ; FIORIN, José L. (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999.
- BECKER, H. S.; GEER, B.. Participant observation and interviewing: A comparison. **Human Organization**, [S.l.], v. 16, n. 3, p. 28-32, 1957. Disponível em <<http://blogs.ubc.ca/qualresearch/files/2009/09/Becker-Geer.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- BICCA, A. et al. Formas particulares de comunicação em blogs nerd/geek: expressões linguísticas relacionadas às produções das franquias Star Wars e Star Trek. **Acta Scientiarum Language and Culture**, v. 36, p. 375-382, 2014. Disponível em: <[http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/22022/pdf\\_43](http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/22022/pdf_43)>. Acesso em: 27 jul. 2016.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: UNICAMP, 2004.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2014.
- CASTELLS, M. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARTIER, R. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHRISTAKIS, N.; FOWLER, J.. **Connected: The Surprising Power of Our Social Networks and How They Shape Our Lives**. Little, Brown and Company: Boston, 2009.

CIABATTARI, Jane. Como 'O Senhor dos Anéis' virou um ícone da contracultura. **BBC Brasil**, [s.l.], 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141128\\_vert\\_cul\\_tolkien\\_dg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141128_vert_cul_tolkien_dg)>. Acesso em: 22 nov. 2016.

CORSO, Mário. Geração Harry Potter. **Carta Capital**, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/educacao/geracao-harry-potter>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

COSTA, Robson Santos. **Linguagens contemporâneas: discurso e memória nos quadrinhos de super-heróis**. Rio de Janeiro, 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss214.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do Bibliotecário. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, n. 15, p. 1-7, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14701504>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

DUMONT, L. M. M. . Romances da literatura de massa. In: CAMPELLO, B. S. et al.. (Org.). **Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 25-50.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FACCION, Débora. Processos de interação na cultura de convergência. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Cásper Líbero**, ano 2, v. 2, dez. 2010. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/7289/6884>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

FERNANDES, Paulo Kussy Correia. **Anatomia do Centauro: um ser hipotético**. Lisboa, 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/15922>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <[https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod\\_resource/content/1/co](https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/co)>

mo\_elaborar\_projeto\_de\_pesquisa\_-\_antonio\_carlos\_gil.pdf >. Acesso em: 8 jul. 2016.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. p. 67-80.

GREGOLIN, M. R. F. V.. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: II SIMPÓSIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, RS: UFRGS, 2005. p. 1-18. Disponível em: <[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1293225/mod\\_resource/content/1/Gregolin\\_Formacao\\_discursiva\\_redes\\_de\\_memoria.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1293225/mod_resource/content/1/Gregolin_Formacao_discursiva_redes_de_memoria.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2016.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HESSEL, Marcelo. J.K. Rowling diz que só escreverá outro livro no universo de Harry Potter se tiver ideia fabulosa. **Omelete**, [s.l.], 2012. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/filmes/noticia/jk-rowling-diz-que-so-escrevera-outro-livro-no-universo-de-harry-potter-se-tiver-ideia-fabulosa/>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed. São Paulo, 2016. Disponível em: <[http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)>. Acesso em 21 nov. 2016.

JEHA, Julio. A semiose da fantasia literária. **Revista Signótica**, Goiânia, v. 13, n. 1, jan./jun. 2001. Disponível em: <<https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/sig/article/view/7295/5162>>. Acesso em: 15 maio 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LINS, N. Gêneros discursivos e o ensino de linguagem. **Revista Letra Magna**, [s.l.], ano 4, n. 6, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/ensinodelinguagem.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

LOIOLA, E.; MOURA, S.. Análise de redes: uma contribuição aos estudos organizacionais. In: FISHER, T. (Org.). **Gestão Contemporânea, cidades estratégias e organizações locais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p.53-68.

MIRA, M. C. Cultura e segmentação: um olhar através das revistas. In: SILVA, A. A.; CHAIA, M. (Org.). **Sociedade, cultura e política: ensaios críticos**. São Paulo: EDUC, 2004. p. 246-259.

MIRANDA, F. Fandom: um novo sistema literário digital. **Hipertextus Revista Digital**. Recife, n. 3, jun. 2009. Disponível em:

<<http://www.hipertextus.net/volume3/Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1981. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/63990008/Pierre-Nora-Entre-Memoria-e-Historia>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

OIKAWA, E. ; JOHN, V. ; AVANCINIL, D. De @berilopassione a #MeServeVadia: Passione e Avenida Brasil no contexto de convergência midiática. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 27, p. 106-118, sem. 2012. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/597/338>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

OLIVEIRA, Adriano. **Matrix e Cidade dos Sonhos**: representações da irrealidade na ficção contemporânea. Salvador, 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/11455/1/Dissertacao%20Adriano%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

OLIVEIRA, Aline Sobreira de. Notas sobre a teoria estruturalista do gênero fantástico de Tzvetan Todorov. **Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras**, Belo Horizonte, v. 3, p. 276-291, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/view/3881>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PEÇA de teatro com “8ª história” de Harry Potter vai virar livro. **G1**, São Paulo, 10 fev. 2016. Disponível: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/10/peca-de-teatro-sobre-harry-potter-comecara-onde-livro-parou.html>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

PEÇA de teatro sobre Harry Potter começará onde livro parou. **G1**, São Paulo, 23 out. 2015. Disponível: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/10/peca-de-teatro-sobre-harry-potter-comecara-onde-livro-parou.html>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso em: 16 maio 2016.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 16 maio 2016.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 415-440, set. 2010. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/272](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/272)>. Acesso em: 24 jul. 2016.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

ROSSI, Aparecido. Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesas e norte-americana: um panorama. **Ícone - Revista de Letras**, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 55-76, jul. 2008. Disponível em: <[http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume2/primeiras\\_letras/aparecido\\_rossi.pdf](http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume2/primeiras_letras/aparecido_rossi.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2016.

SCHLEMMER, E. Prefácio. In: PORTO, C. ; SANTOS, E. (Org). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 9-13. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/c3h5q/pdf/porto-9788578792831.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, jan. 1993. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

SILVA, L. C. F.; LOURENÇO, D. S.. O gênero literário fantástico: considerações teóricas e leituras de obras estrangeiras e brasileiras. In: V EPCT – ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 5., 2010, Campo Mourão. **Anais...** Campo Mourão: FECILCAM, 2010. p. 1-12. Disponível em: <[http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_v\\_epct/PDF/linguistica\\_letras\\_artes/09\\_SILVA\\_LOUREN%C3%87O.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/PDF/linguistica_letras_artes/09_SILVA_LOUREN%C3%87O.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2016.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SOERENSEN C. Profusão temática em Mikhail Bakhtin: dialogismo, polifonia e carnavalização. **Travessias**, Cascavel, v.3, n.1, p.1-10, 2009. Disponível em: <<http://revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3299/2605>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

TRACY, Thomas. Top U.S. baby names list includes Anakin, Leia and Khaleesi. **NY Daily Post**. New York, 2015. Disponível em: <<http://www.nydailynews.com/news/national/top-u-s-baby-names-list-includes-anakin-leia-khaleesi-article-1.2338949>>. Acesso em 16 maio 2016.

VOLOBUEF, Karin. Uma Leitura do Fantástico: A invenção de Morel (A. B. Casares) e O processo (F. Kafka). **Revista Letras**, Curitiba, n. 53, p. 109-123, jun. 2000. Disponível em: < [ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/download/18866/12181](http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/download/18866/12181)>. Acesso em: 15 maio 2016.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO**

1) Qual a sua idade?

- 0 – 10
- 11 – 17
- 18 – 25
- 26 – 29
- 30 – 35
- 36 – 39
- 40+

2) Gênero:

- Feminino
- Masculino
- Outro: \_\_\_\_\_

3) Em qual estado você mora?

4) Qual a sua renda familiar mensal?

- 1-3 salários mínimos
- 4-6 salários mínimos
- 7-9 salários mínimos
- 10+ salários mínimos

5) Quais gêneros literários você costuma ler, além da literatura fantástica (Fantasia, Ficção Científica e Terror)?

- Romance
- Autoajuda
- Não-Ficção
- Policial
- Biografias
- Outro: \_\_\_\_\_

6) Você diria que livros com temática fantástica (terror, ficção científica ou fantasia) são os seus favoritos?

- Sim
- Não

7) Quantos livros de literatura fantástica você costuma ler ao ano?

- 1-5

- 6-10
- 10+

8) Você costuma visitar sites, blogs, fóruns e grupos de Facebook para se informar sobre livros de literatura fantástica?

- Sim
- Não

8.1) Com que frequência?

- Todos os dias
- 2 a 3 vezes por semana
- Semanalmente
- Raramente

9) No grupo "Livros de Fantasia e Aventura - Skoob", você se considera um usuário participativo (comenta, curte ou posta)?

- Sim
- Não

10) Você costuma acompanhar adaptações ou outras mídias que se baseiam em livros de literatura fantástica?

- Sim
- Não

10.1) Quais das mídias a seguir:

- Filmes
- Seriados
- Videogames
- Quadrinhos ou mangás
- Outro: \_\_\_\_\_

10.2) Supondo que um tema esteja presente em diferentes mídias (livro, filme, seriado etc.) qual deles você prefere acessar primeiro?

- Livro
- Filme
- Seriado
- Videogame
- Quadrinhos ou mangás
- Outro: \_\_\_\_\_



11) Você já fez amizades virtuais com outros membros de grupos dedicados à literatura fantástica?

- Sim
- Não

11.1) Você considera que discussões sobre os temas da literatura fantástica foram essenciais para construir esses relacionamentos? Por que?

11.2) Essas amizades incluem bate-papos privados e/ou fora dos grupos, como por exemplo *Whatsapp*, *Messenger* ou outros?

- Sim
- Não

11.3) Os assuntos discutidos vão além das discussões sobre literatura fantástica?

- Sim
- Não

11.4) Algum desses relacionamentos já ultrapassou o mundo virtual, ou seja, você já manteve ou mantém contato com amigos fora da rede?

- Sim
- Não

11.4.1) Onde você encontrou esses amigos fora do mundo virtual?

- Eventos (Bienais ou Comic Con, por exemplo)
- Shoppings
- Livrarias
- Pontos Turísticos ou Locais Públicos
- Outro: \_\_\_\_\_

12) Qual o seu livro de literatura fantástica favorito?

13) Caso deseje, deixe sua opinião sobre a importância da literatura fantástica em seus relacionamentos.